

2018  
**COMBINANDO  
PALAVRAS**  
ENSINO MÉDIO



Alice Ruiz



Cristovão Tezza



Eliane Brum



Elisa Lucinda



Fernando Bonassi

Relatório e  
registro das  
atividades dos  
professores e  
dos estudantes.

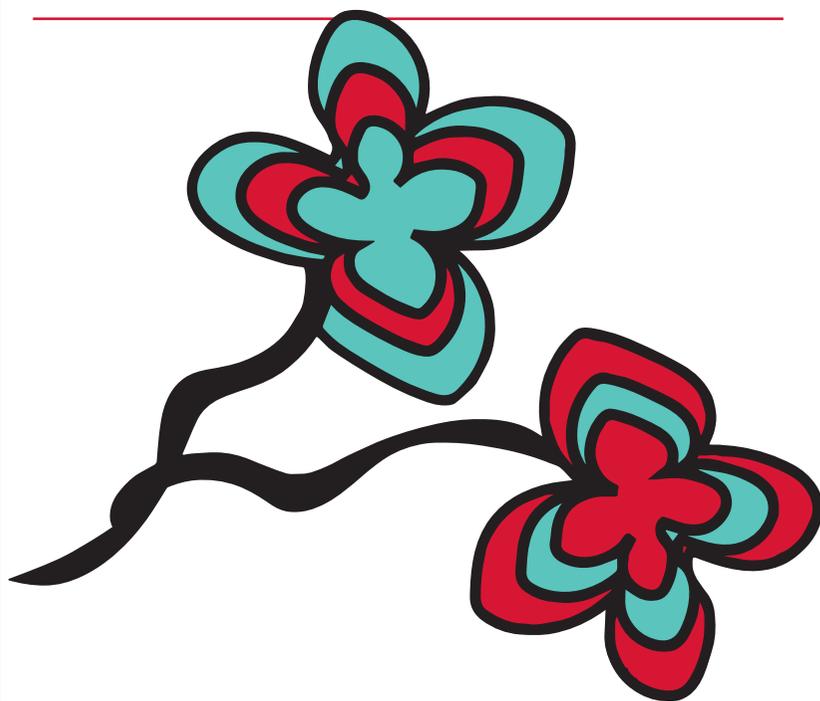




# EQUIPE

Fundação do Livro e Leitura  
de Ribeirão Preto

---



Dulce Neves  
Presidente

Adriana Silva  
Vice-presidente e Coordenadora do Projeto

Edgard Castro  
Vice-presidente

Viviane Mendonça  
Superintendente

Gislaine Oliveira  
Gerente

Vanessa Cicilini, Bettina Pedroso E Ana Carolina Freitas  
Núcleo de Programação e Acompanhamento do Projeto

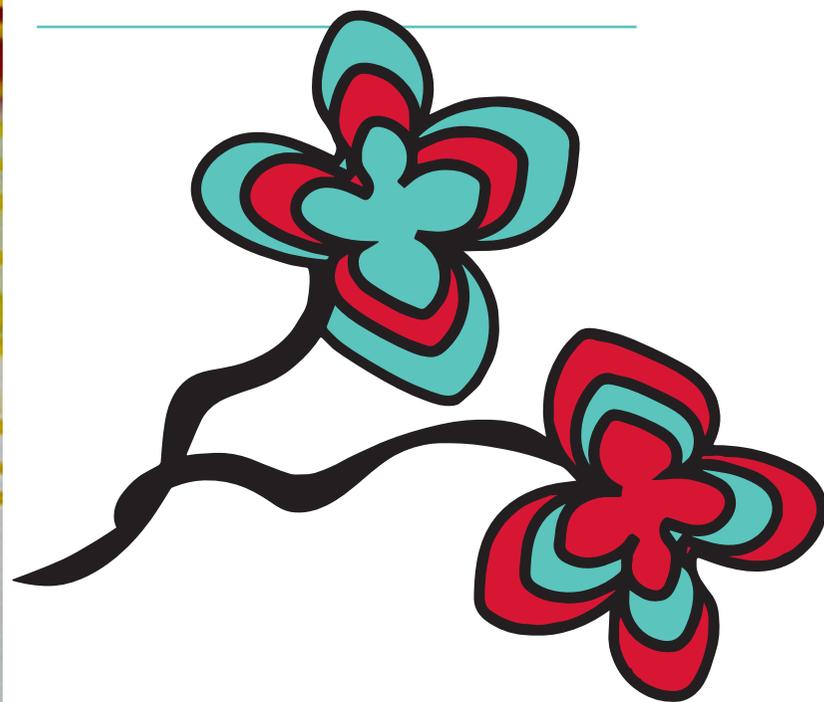
Heloisa Alves  
Professora da Escola Estadual Otoniel Mota  
Curadora do projeto

Simone Maria Locca  
Dirigente Regional de Ensino de Ribeirão Preto

Isabel Abukawa, Isabel Cassanta, Maria Lúcia Bragantim  
e Priscylla Quadros  
Colaboradores da Diretoria Regional de Ensino de Ribeirão Preto

# ÍNDICE

---



Apresentação .....	6
ALICE RUIZ .....	11
Escola Estadual Alberto Santos Dumont .....	12
Escola Estadual Cid de Oliveira Leite .....	15
Escola Estadual Edgardo Cajado .....	15
Escola Estadual Geraldo Torrano .....	16
Escola Estadual Jardim das Rosas .....	17
Escola Estadual Messias da Fonseca .....	18
Escola Estadual Otoniel Mota .....	19
Escola Estadual Serra Azul .....	20
Escola Estadual Vergínio Melloni .....	21
CRISTÓVÃO TEZZA .....	23
Escola Estadual Antonio Barreiros .....	24
Escola Estadual Conde Francisco Matarazzo ..	26

Escola Estadual Deputado José Costa _____	27
Escola Estadual Djanira Velho _____	29
Escola Estadual Dom Alberto José Gonçalves ____	42
Escola Estadual Vereador José Bompani_____	43
Escola Estadual Otoniel Mota_____	44
Escola Estadual Parque dos Servidores_____	46
Escola Estadual Prof. Rafael Leme Franco _____	46
Escola Estadual Rd. Guimarães Junior _____	48
ELIANE BRUM _____	51
Escola Estadual Eugênia Vilhena de Moraes_____	52
Escola Estadual Sebastião Fernandes Palma ____	53
Escola Estadual Francisco da Cunha Junqueira	54
Escola Estadual Prof. Walter Paiva _____	55

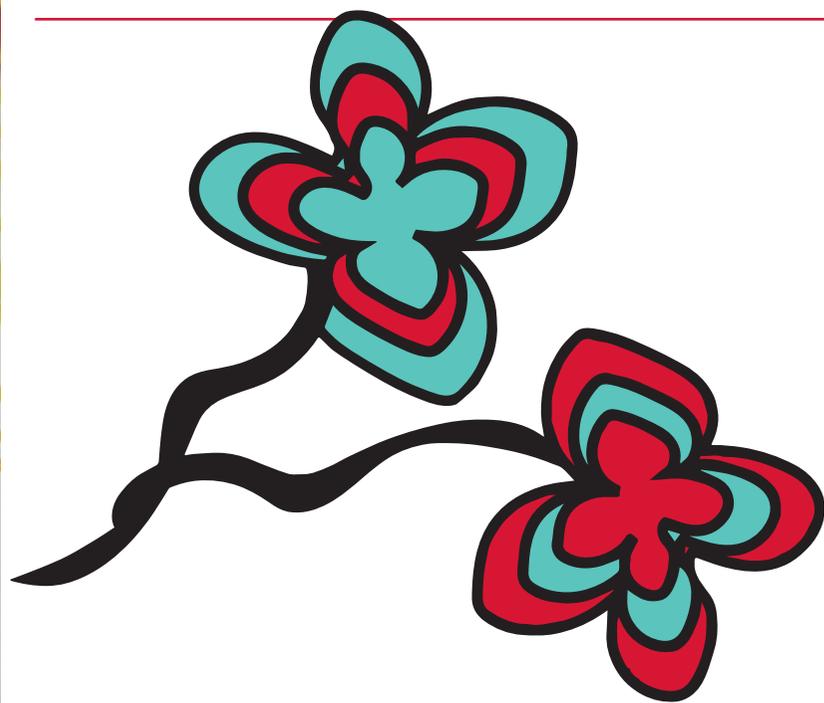
ELISA LUCINDA_____	59
Escola Estadual Cordélia Ribeiro Ragozo ____	60
Escola Estadual Jardim Flamboyans _____	61
Escola Estadual Dr. Meira Junior _____	63
Escola Estadual Prof. Ruben Cláudio Moreira____	64
FERNANDO BONASSI _____	65
Escola Estadual Bairro Francisco Castilho _____	66
Escola Estadual Cid de Oliveira Leite _____	67
Escola Estadual Otoniel Mota_____	68
Escola Estadual Silvio de Almeida _____	70

# APRESENTAÇÃO

DULCE NEVES

Presidente da Fundação do Livro e Leitura  
de Ribeirão Preto

---



Com a parceria da Diretoria de Ensino da Região de Ribeirão Preto, apoio do Sesc e realização da Fundação do Livro e Leitura, o projeto Combinando Palavras foi lançado no dia 9 de novembro de 2016, com as participações dos escritores Luis Fernando Veríssimo, Nélida Pinõn, Lya Luft, Zuenir Ventura e Ignácio de Loyola Brandão. Naquele ano, 5.500 estudantes da rede estadual combinaram palavras.

Em sua segunda edição, em 2018, outros cinco nomes: Alice Ruiz, Cristóvan Tezza, Fernando Bonassi, Elisa Lucinda e Eliane Brun. Mais 5.500 estudantes de Ribeirão Preto e da região participaram.

O projeto foi recebido com entusiasmo pelos professores que confirmaram, ao longo do processo, a importância da iniciativa.

Esta é uma prática de formação que, conforme anunciado pelos escritores participantes, transforma estudantes em leitores.

A cada ano nos aprimoramos, sob a coordenação da vice-presidente da Fundação Adriana Silva e nossos objetivos são claros, interferir positivamente no cotidiano cultural dos estudantes e oferecer meios e acesso para o livro e a leitura.

---

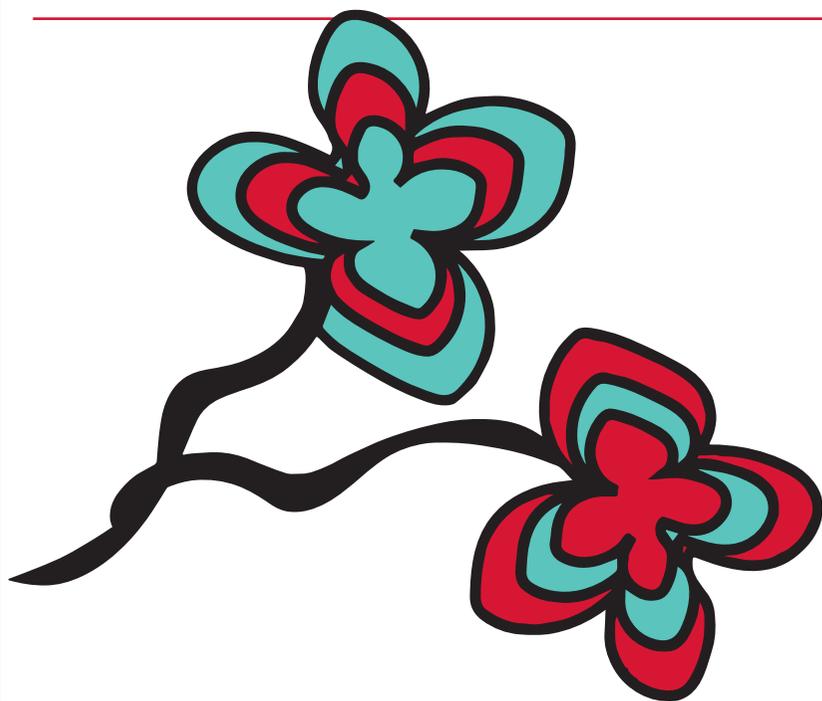
A Fundação do Livro e Leitura reproduziu neste ebook, os textos e desenhos realizados pelos estudantes participantes do projeto, exatamente como recebeu dos professores.

# APRESENTAÇÃO

SIMONE MARIA LOCCA

Dirigente da Diretoria de Ensino da Região  
de Ribeirão Preto

---



“ Nossos alunos nasceram na era dos computadores.”

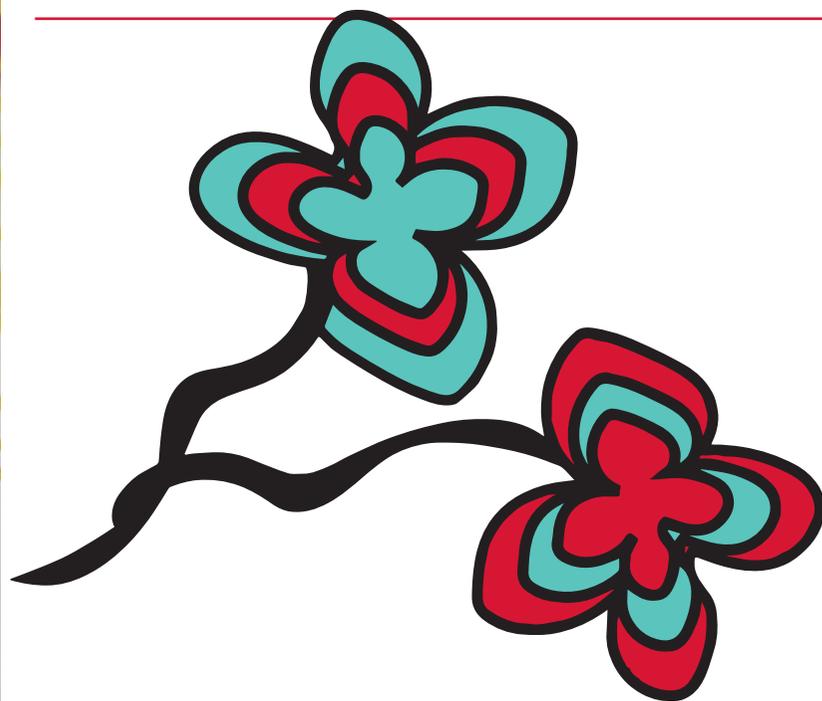
Eu não poderia iniciar este texto sem mencionar o grande educador brasileiro, Paulo Freire, pois contextualiza o momento que estamos vivendo, encontrei um paralelo entre essa afirmação e a relação com o “Combinando Palavras”, pois integrar-se a este ebook as produções dos alunos da Rede Estadual de Ensino de Ribeirão Preto é algo imensurável, que se materializa pedagogicamente na ação escolar, um orgulho por incluir-se neste processo, por acompanhar a evolução dos alunos, grandes protagonistas deste projeto! É algo inovador que possibilitou aos professores formação na Diretoria, aos alunos o contato com grandes obras de grandes escritores da nossa literatura brasileira, além de promover o encontro com os escritores no Teatro Pedro II...

Enfim é engrandecedor, é sublime, é o desejo de estar no caminho certo...

# APRESENTAÇÃO

SESC RIBEIRÃO PRETO

---



## LEITORES E ESCRITORES

Uma obra literária só se realiza como tal, quando percorrendo um fio imaginário, sai de uma ponta, que é a criação do escritor e encontra na outra o leitor.

O que se pretende com o Combinando Palavras é propiciar o encontro do autor e seu público leitor. E, assim, ao autor, dar a conhecer o seu leitor, quais as inquietações que sua obra provoca. E, ao leitor, conhecer as motivações e o universo do autor, pontos de partida para a criação artística.

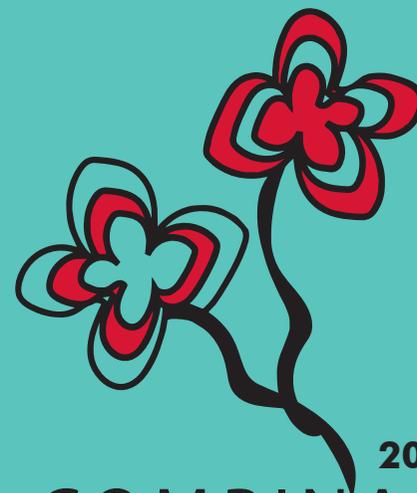
Assim, traça-se um círculo em que pouco se reconhece o que é fim e o que é começo, num renovar de estímulos tanto para a leitura como para a produção literária.

Aqui, no caso deste livro eletrônico, o círculo faz uma reviravolta, e neste desvirado, o leitor experimenta a criação e a reescrita. Qual a nossa participação neste círculo? É muito pequena, é apenas a de viabilizar o encontro. Tudo o mais é com vocês, leitores e escritores.



Ao longo do processo de organização do projeto Combinando Palavras, os professores da Rede Pública Estadual participam de três oficinas sobre a literatura dos autores selecionados.

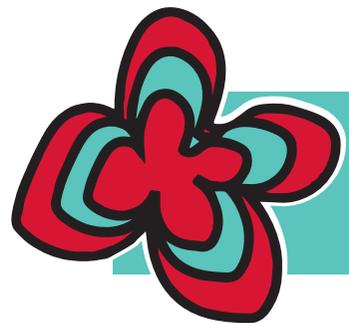




2018

COMBINANDO  
**PALAVRAS**

Alice Ruiz



## ESCOLA ESTADUAL ALBERTO SANTOS DUMONT

Ela sabia o que queria e, se bem a conheço, não tinha planos de parar tão cedo. Aliás, quem ia querer isso sendo tão bem recebida pelas flores na primavera?

Um dia acordou com uma determinação enorme em se renovar, reinventar. Não que estivesse cansada de todo o resto, já que conseguia resolver tudo com um cafezinho. Mas decidiu-se: queria um daqueles aparelhos avançados que os jovens sempre têm, com telas grandes e *touch screen*.

Não demorou muito para contar aos netos a decisão. Afinal, eles poderiam ajudá-la com essas coisas do século XXI. O melhor processador, preço, marca, tamanho. Esses foram alguns dos pontos analisados e que finalmente levaram à compra.

Um, dois, três dias. Ouviu-se no portão de grades verdes:

Correio! - e depois um “ding dong”.

As cachorrinhas eufóricas não deixaram de dar seu aviso. Pareciam elas mesmas estarem esperando a entrega.

Envolta em ansiedade, deixou sua assinatura com o entregador e levou a caixa marrom para dentro. Abriu. Lá estava seu novo investimento. Ah! Tinha muito para aprender. Os próximos dias seriam de absorção de informações e muito treino, nada que não a fizesse feliz. E, claro, os netos seriam os professores particulares, os mais baratos que já se viu. Não cobriam nada

pelo serviço. E jamais poderiam. Não depois de tantas tardes com pipoca de micro-ondas, bolo de caneca, yakissoba, aulas de pintura, de plantio e muito, mas muito amor.

Uma aulinha aqui, outra ali, um erro, uma gargalhada, um riso.

- Aqui você pode pesquisar várias coisas sobre plantas e imãs de geladeira “vó” – diziam os netos. Sabiam que esse seria um ótimo estimulante para despertar a curiosidade em mexer no aparelho.

Ainda eram poucos os dias de aprendizado quando chegou minha vez de orientá-la. Nem fiz esforço algum. Quando me dei conta ela já batia em meu portão. Fazia isso com frequência, tanto para me ajudar quanto para ser ajudada. Impossível era não identificar seus delicados pezinhos pela fresta entre o portão fechado e o chão. Atendi.

Escolhemos o quintal da frente, bem espaçoso, para essa ocasião. Sentamos e, como parte da rotina, vieram as risadas, mas também o conhecimento. Lembro-me de apresentar a câmera que o dispositivo possuía para que ela tirasse muitas fotos dos bons momentos. Aproveitei para registrar uma ali mesmo:

- Dá um sorriso.

Ela achou engraçado. Ótimo! Foi uma bela foto.

- Olha como ficou linda!

A foto do sorriso mais sincero, do sorriso mais bonito, e mal eu sabia, do último sorriso que eu presenciaria, vindo de uma pessoa tão boa.

Hoje, quatro anos depois, ainda espero o próximo sorriso dos olhinhos puxados, mas o que tenho é saudade. Ainda guardo a bela foto, mas com o pensamento de que “devia ser proibido uma saudade tão má.”

*Cecília Valeska Barata - Aluna do 2º ano D*

## 30 de abril de 1990

Em um dia simples e completamente nublado, tinha uma jovem menina, com suas saias rodadas, meias  $\frac{3}{4}$ , sapato boneca, moletom e um cabelo preso em rabo de cavalo, sentada em um banco em um canto qualquer. Desse canto ela observava tudo com um singelo sorriso em seu rosto, contudo, em seu verdadeiro interior estava triste. Tristeza, a tristeza que sentia por estar sempre sozinha enquanto vira grupos e mais grupos de amigos. Essa jovem se chamava Angélique Engel, a garota que ninguém se importava, mas que sim usavam, mas para que? Para notas e trabalho, no qual se saía muito bem, pois para não pensar em problemas alheios, ocupava a mente estudando.

Em um dia ensolarado de 30 de abril de 1990, ela se levantou decidida a mudar sua solidão e procurou por amigos, pois pensava que conseguiria ser feliz se tivesse alguns bons amigos. Em seu colégio conheceu um grupo de amigos, jogadores de vôlei: Scarlett e seu irmão David, titulares do jogo e seus companheiros Shophia, Agatha e Enrick.

Conhecendo-os mais a fundo, começavam a frequentar o intervalo juntos e assim se passou um tempo de felicidade.

15 de setembro de 1991

Um ano se passara desde que Angélique conheceria seus atuais amigos, estava feliz, ria e dava tudo de si para agradar e fazê-los rirem, contudo, parecia que nada mais fazia tanto sentido, sua cabeça estava cheia de dúvidas em relação aos seus amigos. Foi onde passou a reparar neles para ver se descobria o que estava havendo.

Em suas observações, ela notou três coisas que a deixavam mal. Angélique era excluída das conversas, se não os chamassem eles não davam bola e se sentasse em um banco, eles nem falavam com ela.

05 de março de 1992

Angélique já não estava com seus amigos, chorava quase que o tempo todo, estava depressiva e passando problemas, contudo sua dor emocional

e física não doía mais do que o fato de seus amigos a excluírem, apesar de seus esforços de tentar ser uma pessoa legal com eles.

Em 5 de março de 1992, Angélique decidiu falar com eles sobre o que estava lhe ocorrendo e questionou suas amizades. Com total desprezo os mesmos ficaram em silêncio. Angélique, sem emoção em seu rosto, saiu correndo para casa, contudo, descobriu que havia sido bloqueada dos contatos e redes sociais, o que a levou a chorar por dias.

23 de agosto de 1993

Após todo o processo de “cura” de sua tristeza, depressão e solidão, Angélique foi confrontada a ver seus ex-amigos e ter que passar reto, sem conversar com as pessoas que antes eram tudo para ela.

A escola terminou, Angélique Engel se formou e ingressou em seu primeiro emprego, estava decidida a esquecer aqueles três anos de puro sofrimento. Contudo, infelizmente aquela dor ainda a perseguia, foi quando ela decidiu escrever um diário, para aliviar tudo que passou e sentiu. Ao acabar de escrevê-lo, saiu para cortar o cabelo, se maquiar, colocou sua melhor roupa e foi tomar açaí, ouvindo suas melhores músicas em um fone de ouvido, sorridente e sem dor, pois suas últimas palavras no diário: “sofri sim, porém, sei que amei de verdade aqueles que julgava ser meus amigos. Contudo, aprendi a gostar mais de mim e da minha companhia, do que jamais gostei. Não me arrependo, mas sim aprendo e com tal aprendizado, serei verdadeiramente feliz. Futuro me aguarde!!”

E dali em diante, Angélique Engel foi feliz, realizada e acima de tudo, ela não precisava mais de pessoas à sua volta para se amar.

*Ricardo Cailton Ribeiro Rodrigues - Aluno do 2º ano D*

## *Depravada Paixão entre um anjo e meu coração*

Em uma terça-feira, Nerlly, uma jovem de 17 anos conheceu Castiel, um rapaz famoso com um tanquinho irresistível. Tudo começou quando Nerlly foi convidada para uma social, no mal ela recusou, mas depois de muita insistência da parte de sua prima, ela acabou indo.

Na festa, sua prima a deixou sozinha para dar “uns amassos” e ela ficou sentada até decidir que precisava tomar uma. Quando ela estava chegando perto da porta, passando próxima de um grupo de garotos, um deles era o Castiel, eles estavam empurrando uns aos outros quando empurraram Castiel o arremessando em direção à Nerlly.

Os dois se esbarraram quase caíram, Castiel olhou para Nerlly e pediu desculpa, mas Nerlly não respondeu nada, ela estava focando nos olhos dele e pensava consigo mesma “vou me apaixonar”. Ela olhou para ele e disse que não havia sido nada. Ela havia ficado sem chão, foi embora calada somente pensando no encontro com Castiel.

Alguns dias depois Nerlly recebeu uma mensagem de sua prima dizendo que estava namorando e que queria apresentar seu namorado, assim os dois marcaram um local para se encontrarem. Quando ela chegou no local, teve uma surpresa, Castiel era amigo do namorado de sua prima, por isso também havia ido ao encontro.

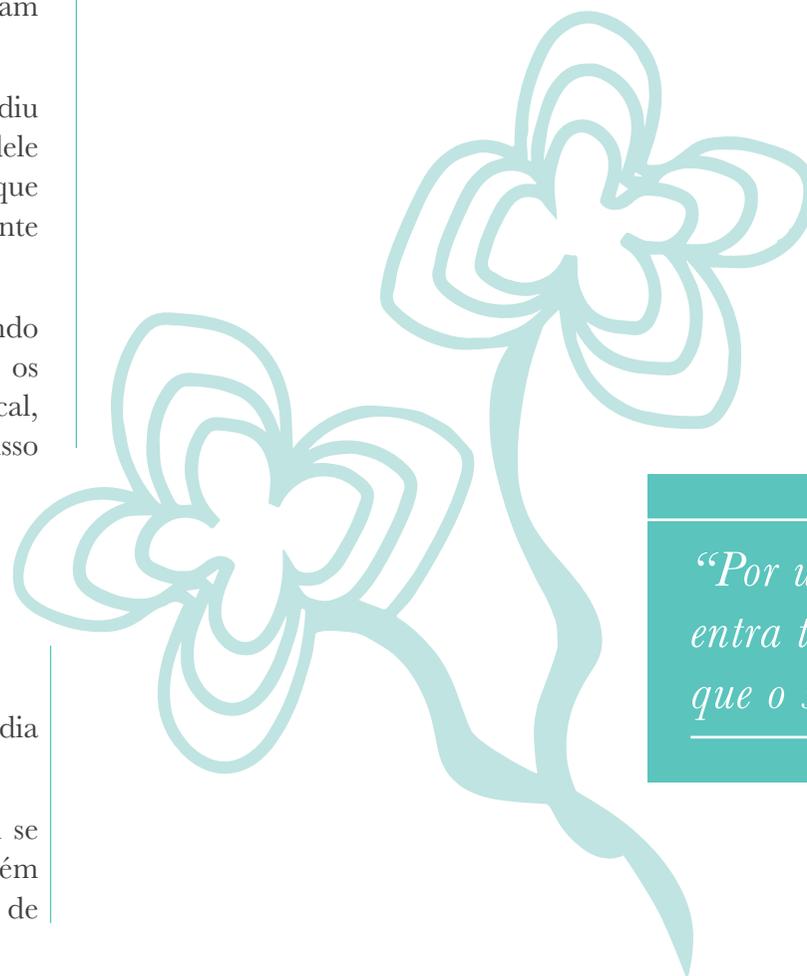
Para não ficarem dela os dois conversaram por horas e depois de semanas conversando Nerlly tinha certeza que o amava, tudo ao seu redor dizia que ele era o “cara” e cada vez que ela pensava nele ela se convenciam mais e mais disso.

Um dia ela resolveu confessar seu amor ao seu amado, passou o dia inteiro ensaiando o que iria falar.

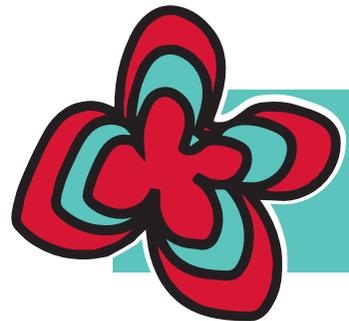
A noite vestiu sua melhor roupa, passou seu melhor perfume e foi se encontrar com ele. Quando ela chegou foi correndo contar para ele, porém antes dela dizer qualquer coisa, ele a interrompeu confessando gostar de

sua prima. Enquanto ele contava a ela sua preocupação e sua culpa por ter se apaixonado pela namorada de seu amigo, ela estava longe, paralisada, destruída, era como se ela houvesse construído um castelo e pulado da torre mais alta.

*Vilma Cristina Marques Francisca - Aluna do 2º ano E*



*“Por uma só fresta  
entra toda a vida  
que o sol empresta”*



ESCOLA ESTADUAL  
CID DE OLIVEIRA LEITE

Enquanto nadamos  
Em direção à paz  
Somos afogados  
Na ilusão desse Oceano Pacífico

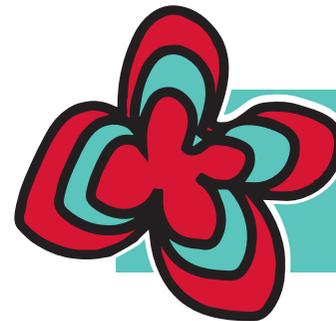
*Breno Fernandes Seixas - Aluno do 3º ano*

Que viagem ir  
Para a guerra,  
Encontrar a paz!

*Jéssica Patrícia Barros Pancerin - Aluna do  
3º ano A*

A busca da paz  
Só acabará  
Quando existir  
O Aqui Jaz!

*Júlia Karut Gimenez - Aluna do 3º ano A*



ESCOLA ESTADUAL  
EDGARDO CAJADO

Não sou perfeita  
Mas as minhas imperfeições  
Fazem-me imperfeitamente perfeita

*Karen Martins Tavella - Aluna do 3º ano A*

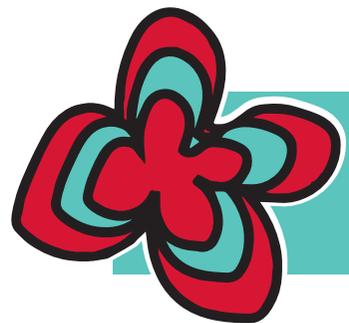
Quando levanto  
Do último tropeço  
Tropeço de novo

*Gabriel Sozza da Silva - Aluno do 9º ano A*

Rosas são vermelhas  
Violetas são azuis  
Eu gosto de você, meu cuscuz

*Camilly Giovanna Battistella - Aluna do 9º ano B*

*“Rede ao vento se  
torce de saudade sem  
você dentro.”*



### *Música: "Alice sonhadora"*

#### SOLO INICIAL

Me desculpe começar desse jeito,  
Me perdoe esse verso mal feito  
Mas eu lhe garanto que irá melhorar  
Então ouça aí que iremos começar

Alice era uma menina  
Do Paraná, Curitiba...  
E já muito cedo se apaixonou  
E a literatura ela nunca mais deixou

Ó professora... Alice era uma  
sonhadora!  
Vivia querendo ser escritora... 2X  
Os livros eram sua inspiração

Literatura, sua Grande Paixão!

#### SOLO

Me desculpe retornar desse jeito,  
Este verso está melhor e bem feito  
E eu lhe afirmo que irá melhorar  
Então aguarde aí que iremos  
terminar

Foi aí que ela se empenhou  
O seu sonho ela sempre buscou  
Com o passar do tempo, nunca  
desistiu  
Foi então que a sonhadora o seu  
sonho conseguiu!

Ó professora... a Alice se tornou  
escritora!  
E agora ela é autora 2X  
Agora ela é a inspiração...

Ó professora... a Alice agora é  
escritora  
É uma belíssima autora. 2 X  
E para muitos, uma inspiração!

E é assim que termina essa canção!

*Camila Carolina Soares e Laila Roberta  
dos Reis Lopes*

### *No pôr do sol*

No pôr do sol seus olhos brilham,  
Mas estão distantes.  
Sinto-me perseguido pelo seu olhar.

No ar ouço sua voz,  
É suave e doce,  
Mas some como o vento.  
Meu amor por ti nunca se apagará.

O vento leva e traz,  
De volta você para mim.  
Será que vai voltar?  
Assim vivo a me perguntar.

*Cauane Siqueira da Silva*

### *Afinco Juvenil*

Meus ombros estão pesados,  
Não consigo me livrar dos medos.  
O passado passa em um instante...  
Existe presente? O futuro é  
delirante!

A fase problemática,  
Mais complexa que matemática.  
Os sonhos surgem,  
A razão leva tudo na bagagem.

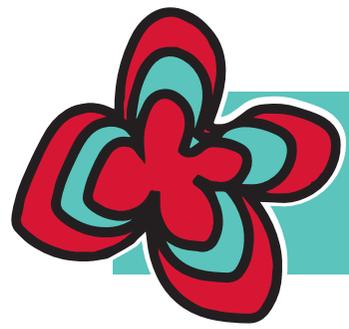
Não existe apoio real!  
Todos me julgam irracional,  
Caindo em um precipício de  
padrões.  
Não percebem que são ladrões?!

Roubam a faixa da vida,  
O básico para um dia ser suportável.  
Apagam a chama, me sinto dividida.  
Não sei o que é real, é tudo  
deplorável!

Os dias ruins são rotina...  
Luto para que a luz encontre a  
retina,  
Rara que o sol volte a aquecer,  
Para que na vida seja possível vencer.

Perco-me nos caminhos,  
Vários destinos...  
Qual deles percorrer?  
Seria demais eu mesmo escolher?!

*Vinicius Antônio Salgueiro de Souza*



### *Até quando*

O chicote não pode,  
Mas a abordagem violenta  
Do policial sim,  
Não olha nos olhos  
Chama de senhor  
-Tô só voltando do trabalho senhor.  
Mostra a identidade,  
E corre pra casa.

No hospital não pode ser o doutor  
No shopping não pode ser o burguês  
Na novela, a madame é a branca  
E a preta é servente.

Até quando o grito de socorro  
Vai ser a vitimização da internet  
Até quando a cabeça  
Vai precisar ficar baixa  
Para merecer o respeito.

*Lethicia Gabaneli da Silva - Aluna do 3º ano B*

### *O tempo*

O tempo voa  
Voa o tempo  
Tick  
tack  
Tick  
tack  
Tick  
tack  
Passa o tempo  
O tempo passa...

*Maria Rita da Cruz Coelho - Aluna do  
3º ano B*



### *Silencioso*

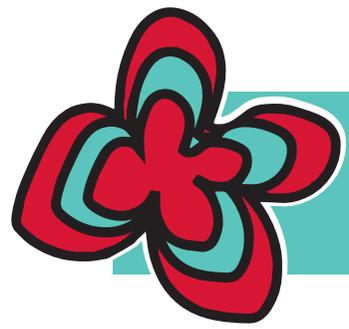
Uma mente triste,  
Um coração vazio,  
Por dentro com a alma em lágrimas,  
Mas por fora sempre sorrio.

Posso parecer frio,  
Sem mágoas, sem sentimentos...  
Mas a verdade,  
É que tenho um monstro silencioso,  
Vivendo aqui dentro.

Me joga pra baixo,  
Me faz querer morrer,  
Me faz querer chorar,  
Mas no fim é ele  
Que vem me consolar.

Depressão.

*Roberto de Lima Santos Junior - Aluno  
do 3º ano B*



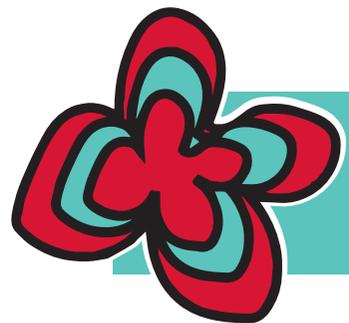
ESCOLA ESTADUAL  
MESSIAS DA FONSECA



Alice Ruiz

*[Signature]*





## Enigma

O seu amor era tão intenso quanto as ondas do Oceano Atlântico  
E tão leve quanto uma brisa que encosta a minha pele em uma quente tarde de verão

Seu olhar é um enigma que ainda não foi descoberto  
Lá estão guardados profundos sentimentos  
Como antigas memórias guardadas em um baú de lembranças ou a imagem de algum passado distante

O seu sorriso era tão puro e inocente que era capaz de salvar até a alma mais decadente mergulhada em trevas, solidão e desespero

O seu amor é um sentimento profundo, mas infelizmente eu não sei nadar.

*Maria Gabrielle Caetano - Aluna do 2º ano C1*

## Me calo

Só os beijos podem me calar,  
Não por inteiro,  
Nunca se cala totalmente um coração  
Que sabe muito sofrer, mas vive em amar.

Digo também, somente os abraços  
Podem me confortar.  
Mesmo que em segundos,  
Do conforto já hei de me escapar.

Mas também não posso me esquecer  
O toque dos dedos,  
Deixa por completo meu corpo em avesso.  
Tal tom de voz,  
Deixa minha alma feroz,  
Feroz de desejo em que me desapareço.

Por inteiro, vou me perdendo.  
Em plena dor, habitando.  
Em pele pecando.  
Em alma, mais bela valsa,  
Sinfonia em cor, como uma flor,  
O meu ser não passa de puro amor.

*Luiza Magalhães - Aluna do 2º ano C1*

## Lembranças de inverno

Eu passei o último inverno  
Aquecida  
Abraçada  
Onde eu estava feliz  
Onde não havia mágoa.

Aquecida nos teus braços  
Abraçada no teu manto  
Cá estou em frente uma lareira  
Pensando, esperando  
Há um motivo para o pranto.

Esperando a tua volta  
Que não chega  
Que demora  
Que me destrói ao lembrar  
E teu rosto me vem na memória.

Mas, ah, meu bem.  
Onde quer que eu esteja agora  
Aspiro por sua respiração  
Anseio por declamar seus medos  
Que me trouxe até esta estação.

Sinta o beijo na testa que eu quero lhe entregar  
Sinta a poesia que eu te escrevi  
Sinta as minhas rezas se por agora  
Sinta o cheiro da rosa que colhi pra ti  
Essa é a estação que eu não vivi.

*Letícia Sthefany - Aluna do 2º ano C1*

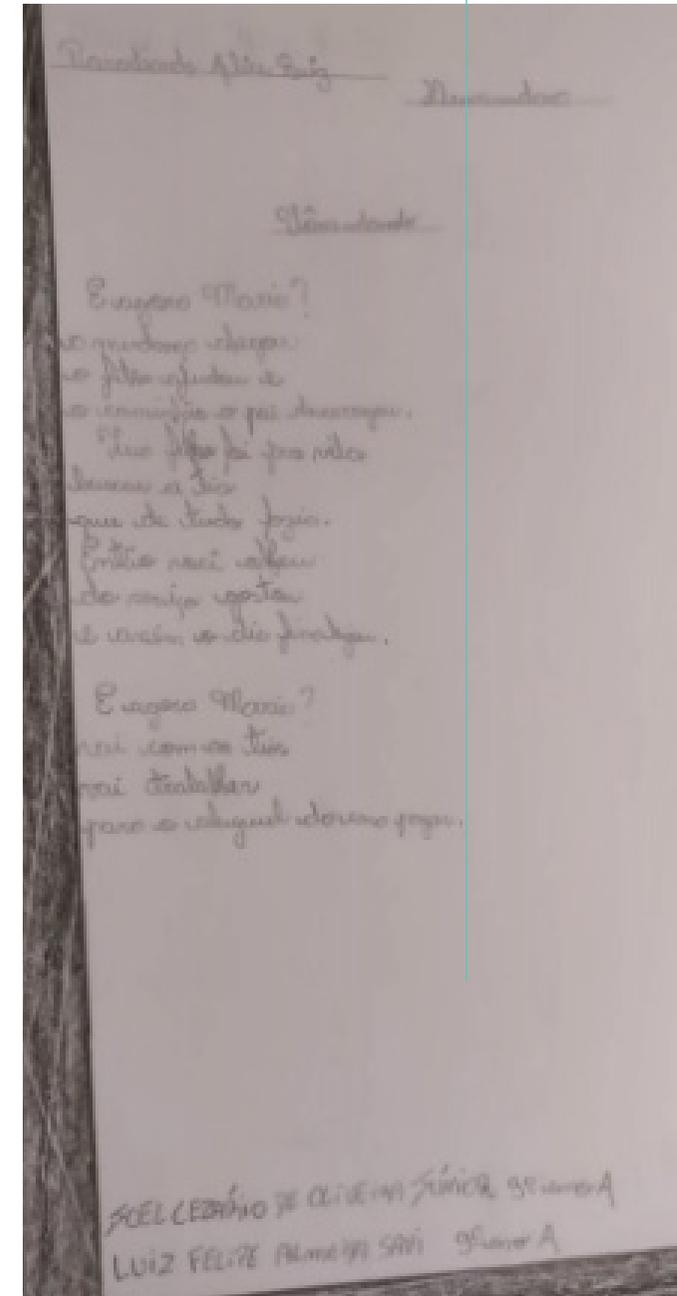
*“Por uma só fresta entra toda a vida que o sol empresta”*

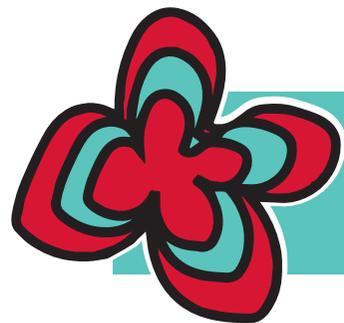


# ESCOLA ESTADUAL SERRA AZUL



*“Rede ao vento se torce  
de saudade sem você dentro.”*





## ESCOLA ESTADUAL VERGÍNIO MELLONI

### *Flor e Vida*

*Paródia da poesia: Noite e dia*

Não me agradam  
Esses momentos esses momentos que me desesperam  
Choro, sussurro como água fria  
Tudo em minha alma  
Mais nenhuma esperança por perto

Não me é bom  
Essas coisas me entristecem  
Vazia solidão, saudade  
Tudo que lembra você  
Quando tu não estás por perto

Não me agradam  
Essas coisas sem sentido  
Uma flor sem vida  
Uma vida sem flor.

*Julia Evelyn Andrade e Maria Julia Martins Cláudio  
Alunas do 9º ano C*

### *Fogo Sério*

*Paródia da poesia: Brinquedo Sério*

Eu só queimo  
Quando é muito amor é muito amor  
Ser o teu fogo  
Não tem rancor  
Não tem dor  
Quando a gente ama  
Quando a coisa é quente  
Quando o teu fogo  
É tão envolvente  
Quando ser atraente  
Pode ser tão inflamável  
Pode haver um amor estável  
Em que não nos deixe só  
Nos deixe junto sem dó  
Deixe apenas queimar  
Mas enquanto eu te amar  
Junto a mim você vai estar  
Vamos até o infinito  
Posso ser só isso  
Posso ir tão longe  
Possa ser tão lindo  
Pode ser logo  
Pode ser tão louco.

*Ryan Cristian Hidalgo Lopes e Samara Vitória  
Vianna - Alunos do 9º ano C*

### *Alguma Coisa Aqui*

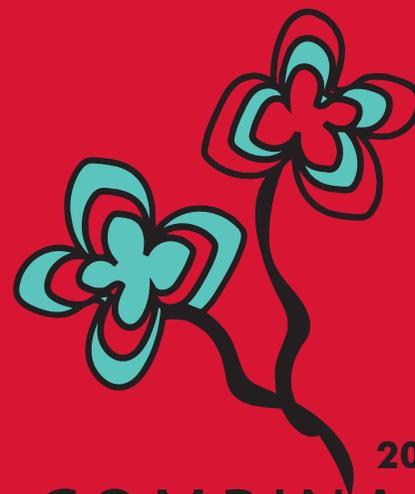
*Paródia da poesia: Alguma Coisa Mim*

Alguma Coisa Aqui  
Ainda se esconde  
Alguma Coisa Aqui  
Ainda está confusa  
Alguma Coisa Aqui  
Que não desistirá de mim  
Alguma Coisa Aqui  
Quer acontecer  
Alguma Coisa Aqui  
Não pertence mais a mim  
Alguma Coisa Aqui  
Se perdeu totalmente  
Alguma Coisa Aqui  
Não disse que viria  
Alguma Coisa Aqui  
Me causou impacto  
Alguma Coisa Aqui  
Está errada  
Alguma Coisa Aqui  
Não facilita pra mim  
Alguma Coisa Aqui  
Parece não ter fim.

*Maria Eduarda Araújo de Oliveira e  
Reinara Ribeiro de Jesus - Alunas do  
9º ano C*

*“Dentro do jardim o dia chega mais cedo ao fim”*





2018

COMBINANDO  
**PALAVRAS**

Cristovão Tezza



## ESCOLA ESTADUAL ANTONIO BARREIROS

Obra escolhida para o trabalho em sala de aula:  
A primeira Noite de Liberdade

### *Primeira Produção*

Aos 65 anos, Cristovão Tezza nasceu no dia 21 de agosto de 1952, em Lages (SC), e aos oito anos se mudou para Curitiba (em 1961). Considerado um dos maiores e mais importantes autores da literatura brasileira contemporânea, já lançou 18 livros, como em destaque “O Filho Eterno” baseado em história real, vivenciada pelo autor, a obra já ganhou sete prêmios, com adaptação teatral e cinematográfica.

Entre outras obras temos livros de contos e crônicas que se inspiram em sua vivência cotidiana. Para análise, lemos o conto “A Primeira Noite de Liberdade”, que já no título percebemos bem o que é vivido pelo personagem do menino. Uma criança jovem que teve uma noite de liberdade, fugindo da casa dos vizinhos, brincando de noite na rua, mas sempre se preocupando com a ausência de seu pai, para que ele pudesse contar sobre os ladrões de galinhas. Mas essa noite de liberdade teve um grande preço, seu próprio pai.

Também é mostrado a visão de adultos e crianças em relação à morte, sendo que os primeiros sofrem muito pela perda, já as crianças não entendem o conceito de morte, já que para elas a vida, principalmente dos pais, é eterna.

Uma das observações a ser feita é a referência a tempos antigos, em que os funerais eram feitos em casa e escondido das crianças para evitar o desespero das mesmas.

A dificuldade da criança em lidar com a morte, em uma noite escura, com todos de roupas pretas era uma situação complicada diante de crianças de pouca ou nenhuma maturidade para encarar a separação do próprio pai.

### *Segunda Produção*

Cristovão Tezza nasceu em Lages, Santa Catarina, mas acompanhando a família, mudou-se com oito anos de idade para Curitiba, no Paraná, onde vive até hoje.

“A Primeira Noite de Liberdade”, um conto que teve sua primeira publicação em 1994, ganhando destaque como obra infantojuvenil.

O conto relata sua experiência em um velório na infância. As pessoas que ali se encontravam arrumavam maneiras de evitar que o menino tomasse ciência daquela situação dramática. Ele dá enorme destaque nas pessoas (características), ambiente detalhista e às suas sensações, sentimentos que envolviam no momento da trama.

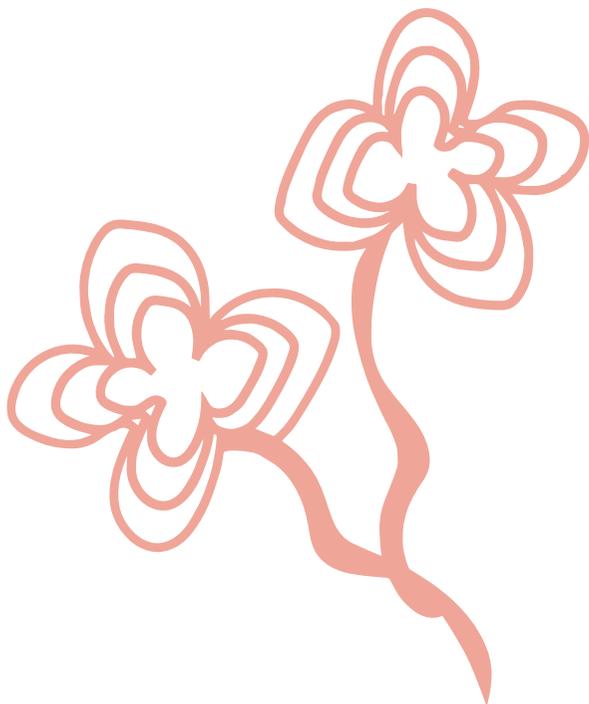
A obra se mostra em sua maior parte com enorme sensacionalismo, quanto a sua visão, sua sensibilidade na narrativa, se mostrando com tal característica, que se encaixou de boa forma no contexto.

A narrativa está em primeira pessoa (narrador personagem), o que dá ênfase no texto deixando claro a visão da criança, que ao não conseguir interpretar devidamente aquela situação nova, tira suas próprias conclusões, enfatizando e associando a elementos de fantasia e medo do mundo real “Morte”.

No desfecho do texto, na procura pelo seu pai, o menino descobre que toda aquela comoção era por conta da morte do mesmo.

Essa história realmente é verídica, pois o pai de Tezza faleceu quando ele ainda tinha sete anos de idade.

O autor conclui a história de forma chocante para o menino, que se vê desvendando todo o mistério, obrigando-o a se deparar com a difícil realidade, e com os traumas que a circunstância deixará e marcará sua vida para sempre.



### *Terceira Produção*

Cristóvão Tezza é um autor muito reconhecido, com obras já publicadas em outras línguas. Em uma de suas principais obras, num belo romance ele cria a história de um filho que possui síndrome de down – O Filho Eterno – está baseada em sua própria experiência de vida.

Já no conto “A Primeira Noite de Liberdade”, publicado em 1994, ele relata a história de uma criança que é separada de seu pai pela morte. No título já faz uma reflexão que revela que o personagem principal teve sua primeira noite de liberdade.

O conto mostra a diferença do mundo adulto (com responsabilidades, preocupações, cuidados pessoais...) com o mundo da criança (repleto de brincadeiras, fantasias e inocência).

O espaço indica muito a situação fúnebre que facilita e declara indícios do que acontece. Assim temos o sótão apresentado no início e o funeral feito na própria casa. A noite revela algo triste e assustador para o personagem principal (menino).

O conto tem uma forte característica que é o fácil vocabulário, permitindo o entendimento por qualquer pessoa.

A obra, por ser feita em primeira pessoa e o fato de o autor ter perdido o pai quando criança, revela experiências de sua própria vida.

A morte para um adulto é tão dolorosa quanto para uma criança, mas a grande diferença é que a segunda não tem noção e nem sabe como lidar com a morte.

A descrição das cenas é bem detalhada, o que nos permite uma imaginação mais rica e em abundância dos mesmos, como o pijama de florzinhas e o quarto com fumaça.

O desenrolar do conto mostra um momento triste vivido por uma criança à espera de seu pai. E a todo instante há uma palavra que se refere a morte, há também, o “clima” e como as pessoas estavam se comportando, surgindo um ar de desconfiança no personagem.

O comportamento de um adulto é mais reflexivo, pois ele sabe e já viveu situações que lhe permitiram aprender, mas uma criança pouco viveu, e por isso não sabe como se comportar mediante uma situação, sobretudo, a morte.



## ESCOLA ESTADUAL CONDE FRANCISCO MATARAZZO

Obra escolhida: O Filho Eterno

### *Primeira Produção*

Achei interessante e muito intrigante  
O espanto do pai diante de algo impressionante  
Saber que seu filho, esperado e desejado,  
Vem diferente  
Com síndrome de down, na época mongoloide  
O pai inquieto, logo se pergunta:  
Como será, como ele viverá?  
Que aflição!!! Tudo mudou, qual a direção?  
Pensamentos ... Guardados para si  
E para os outros:  
Está tudo bem, sim senhor, tudo bem, obrigado...  
Apenas aparências...  
Ah!!! As aparências...

O tempo, só o tempo pode ajudar tudo mudar...  
Descobre o lado bom de tudo  
Há amor verdadeiro  
Há um guerreiro, um pai devotado e apaixonado!  
Do filho se aproxima  
E a dura jornada é compensada pela doçura ...  
Felipe é seu nome  
Alô Flamengo, aquele abraço...  
Alô leitor, O Filho Eterno  
É meu filho amado !!!

*Melissa Batista Ferreira*

### *Segunda Produção*

É pau, é pedra, é o fim do caminho...  
Não!!! Fim não!!!

Eu prefiro ser esta metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Entre um cigarro e outro de seu pai  
Seu filho faz um pedido sagaz  
Querendo ser o melhor para aquele homem  
Mesmo tendo nascido com um cromossomo a mais

O pedido foi atendido  
Um ato inteligente  
Ainda bem  
Pois o mundo, muitas vezes, deixa a gente medíocre!

O diferente precisa ser compreendido  
Seu filho com síndrome de down  
O pai pensando coisas terríveis  
De quem só queria lhe dar alegrias

Mas um escritor sempre vai preferir ser uma metamorfose ambulante...

Prefiro ser esta metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

O pai descobre no filho a figura que sempre queria  
O filho era sim a inspiração para sua vida!!!

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes  
Eu prefiro ser esta metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

E o filho ensinou ao pai  
O que seu pai não sabia  
Apesar das diferenças  
Há cores, presença viva de muita alegria!

E o que antes se pensava em insucesso  
Dá início a uma nova história cuja mensagem é amor  
Um escritor desacreditado se realiza com sucesso  
No seu filho amado!!!

É o filho apaixonado...  
Flamengo, mengo, mengo...  
Seu Filho Eterno é tradução do verdadeiro Amor...

*Caroline Tamires de Freitas e  
Thawane Stefanie de Oliveira*



## ESCOLA ESTADUAL DEPUTADO JOSÉ COSTA

Atividade: Relato de experiência depois da leitura do livro  
'O filho eterno' e da visita a APAE

### *Ana Karolina e suas emoções*

Ana Karolina sentia uma mistura de sensações novas ou que pelo menos só sentia em momentos de grande tensão ou de grande felicidade.

Não sabia o que encontraria. Será que saberia reagir a diferentes deficiências? E essa era a pergunta que fazia a si mesma no fundo da alma. Bondosa e carinhosa, deseja ser enfermeira, e sabe que carinho e amor são fundamentais para qualquer aproximação. Sentia um frio na barriga que não era comum àquela hora da manhã.

Talvez tivesse medo que essa aproximação não acontecesse, mas com toda expectativa se entregou ao encontro. Conheceu Emily com microcefalia, Vitor que era tetraplégico e também Arthur com Síndrome de Down. Cada sorriso que presenciava sentia uma sensação incrível, como se aquele momento estivesse levando-a as nuvens, sentia a dor, a dificuldade, a alegria de todas aquelas crianças e imaginava estar no lugar de casa uma delas.

Quantas vezes na vida presenciou pessoas reclamando de tudo e até mesmo ela já havia reclamado em muitas ocasiões, mas por outro lado, com a visita aprendeu a nunca perder a esperança mesmo com tanta dificuldade.

Com as crianças aprendeu o significado de lutar e vencer com alegria, não só para ela, mas também para todos seus amigos.

O maior sentido disso tudo podia ser expresso pela experiência vivenciada, mas também por ver que com essa aproximação muitos sentiriam o que ela estava sentindo, até mesmo aqueles que têm o coração mais fechado. O brilho em seu olhar era tão grande que podia ser visto por todos a sua volta, quão grande e especial fora aquele momento, pensava ela. Sentia-se leve, desejava um mundo melhor, um novo mundo que pudesse demonstrar todo seu amor.

*Ana Karolina Amorim da Silva*

### *Ele deveria se chamar alegria*

Sim, ela foi. Achei que ela fosse dar um bolo, mas foi: insegura, ansiosa, nervosa, não sabia o que sentia, mas foi com o pedido que seu melhor amigo ficasse com ela o tempo todo, "Eu não vou saber lidar", pensava ela, "Não convivo com crianças", "Mas são apenas crianças!".

Dava para ver que se passavam um milhão de coisas pela sua mente, parecia que dependia do seu amigo para tudo porque ela não tinha certeza de nada. Chegaram, entraram, olharam. Dava pra ver cerca de 40 pares de olhos vasculhando, pesquisando cada canto do lugar.

Primeiro quarto: dois bebês. Ao ver a cena, vi também seus milhares de pensamentos, como se fossem códigos, apenas pessoas autorizadas os conheciam e sabiam decifrá-los.

"Eu abortaria se fosse comigo?", "Qual o problema deles?", "Será que vão gostar de mim?", "Os pais pensaram em abortar?", "Vou agir naturalmente", "Não vou chorar", "Foram esquecidos?", "São amados como deveriam ser?", "Devo pegar no colo?", todas as perguntas que passavam por seus pensamentos e só eu sabia decifrar.

Uma criança chorando a fez voltar ao ambiente. Ela viu, prestou atenção, era uma menina toda dolorida pela deformação de seu corpo. “Se fosse comigo eu abortaria? Ela sofre tanto, talvez fosse melhor assim”, “Meu Deus, que horror! Não posso pensar isso! Mas o escritor também pensou, não foi?”.

A verdade clara e explícita: ninguém sabe a dor do outro, o sofrimento do outro, o medo do outro, até estar na mesma situação. Ela tirou seus sapatos, em uma tentativa de se enturmar, viu todos rindo com uma criança, experimentou! Segurou o bebê e começou a brincar. Um garoto jogava a bola, ela segurava o bebê e o bebê chutava, o goleiro comemorava cada bola perdida. Quando eles comemoravam, ela comemorava também. Um sentimento?

Alegria, o menino deveria se chamar alegria, em grego ou romano para ser mais comum, enquanto ela dançava entre a realidade e os pensamentos, o menino ouviu. Ouviu a frase “Você deveria se chamar alegria!”. Ele a olhou e sorriu. Se encaixou nos seus pensamentos.

Um sentimento? Êxtase, se alguém tivesse matado aquela criança, ela nunca teria acreditado que a telepatia é real!

Já não se prestava atenção em outra coisa. Seu amigo teve quase as mesmas sensações, mas ela estava lá, extasiada, parada no tempo por um momento. Seu amigo desapareceu e ela nem percebera. Depois, o tempo passou mais rápido que as suas preocupações, conheceu de tudo, não desprezou nenhum momento. Todos foram únicos e especiais.

*Bruna Larissa de Souza Alves*

## *Propósitos*

É importante que tudo o que se faça tenha um propósito, mas todos saíram aquele dia portão a fora sem nenhum, apenas com a “obrigação” de ir e ter

que fazer o que foi pedido pela professora. Tudo, apenas para a produção de um trabalho escolar que seria apresentado a um escritor que biografou sua experiência de vida após ter um filho portador da Síndrome de Down.

A proposta era que devíamos visitar crianças da APAE que tivessem a Síndrome e também outros problemas que afetassem sua capacidade intelectual e física, que aparentemente, ao olhar dos seres humanos “normais”, eles seriam incapazes.

Ao recebermos a ideia, alguns ficaram assustados, outros esperançosos e felizes, e eu fiquei... sei lá... Antes de sairmos para conhecer aquelas crianças, iniciamos a leitura do livro “O Filho Eterno” de Cristóvão Tezza, que deu início a toda essa trama de conhecer um “mundo diferente” do normal, rotineiro. E, a partir dessa leitura, muitos de nós nos interessamos em conhecer crianças com Down e outras deficiências para que descobríssemos o que elas têm para nos ensinar.

No dia da visita, todos amanheceram como num dia normal, e na verdade, deveria ser mesmo, visitar pessoas com deficiências, nada mais que normal, devia ser. Saímos. Caminhamos. Todos sorrindo no caminho até a APAE para que lá houvesse a grande e vasta emocionante experiência de conquistar e ser conquistado por sorrisos e carinhos trocados.

Chegamos. Entramos. Aguardamos ansiosos, apreensivos, borboletas no estômago. Ahhh, chegaram com toda aquela energia... Puxa um, puxa outro, “Vem brincar, tio”, que autoritarismo!!! Quem disse mesmo que tinham incapacidades?!?

Aos poucos, as monitoras nos traziam as crianças para que elas nos ensinassem que são iguais a todas as outras, que brincam, correm, pulam, sorriem, transmitem felicidade... Quem não gosta de felicidade? O mais impressionante é que nenhuma delas chegou triste, sempre chegavam sorrindo, felizes, querendo brincar, querendo nos mostrar o local onde elas passam o tempo, estudam, se desenvolvem. Muito gostoso.

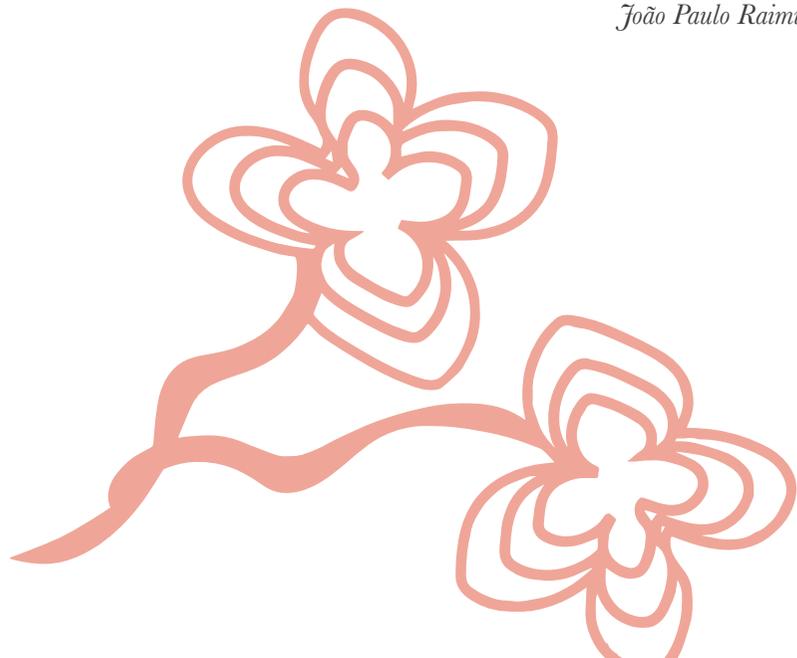
Todos tinham a capacidade de transmitir felicidade, entretanto alguns tinham capacidades a mais, como de nos mostrar que carinho ao próximo

não atrasa a vida de ninguém, que pedir ajudar não mata, que você ser diferente não te torna maior ou menor, melhor ou pior que alguém.

Enfim, quem diria que alguns de nós sairíamos mais mole do que entramos. Com a capacidade de sentir e transmitir. Acredito que todos sentiram como é dar sorrisos a alguém, dar felicidade, dar amor e carinho e receber tudo de volta. E se todos nós fizéssemos isso? E se qualquer um fosse capaz de chegar, agarrar uma pessoa e pedir um pouquinho de carinho? E se o mundo fosse capaz de ter pelo menos um pouco da ingenuidade dessas crianças? Será que seria possível viver naquele mesmo clima que vivenciamos nas salas da APAE?

Escrevi isso tudo dizendo que não havia um propósito... Mas, Eu tinha. O propósito de chegar e dar àquelas crianças amor, carinho, felicidade, paz, que de muitos na sociedade elas não recebem, pois são vítimas de preconceitos que atrasam a vida de quem o tem. Eu fui com o propósito de voltar de lá melhor do que eu cheguei, com mais um aprendizado para vida, pronto para transmitir isso a quem precisasse, a quem tem falta de amor no coração e falta de informação no cérebro. O propósito foi cumprido, pelo menos o meu e, acredito que, se cumpri o meu, os outros serão cumpridos também, porque eu vivo para sociedade também, não só para mim.

*João Paulo Raimundo dos Reis*



**ESCOLA ESTADUAL  
DJANIRA VELHO**

Obra escolhida para o trabalho: Livro de contos “Beatriz”

### *Beatriz: Uma viagem a Ribeirão Preto*

*Conto – 1 do 9º ano B*

Lentamente, Beatriz abriu os seus olhos se deparando com a claridade do local. Confusa por ter acabado de acordar, balançou sua cabeça ainda tonta e olhou para os lados e logo percebe que estava dentro de um avião.

Em meio a um bocejo, lembrou-se que estava viajando rumo a Ribeirão Preto, pois fora convidada para participar da 18ª Feira do Livro. Durante a viagem havia pegado no sono.

“Senhores passageiros, apertem os cintos. Estamos prestes a fazer uma aterrissagem!”

Beatriz apertou seu cinto procurando relaxar na poltrona da aeronave. Havia muita coisa para ela fazer naquele dia, por isso, tentava organizar um pouco as suas ideias.

Após alguns minutos, voltou a ouvir a voz suave da aeromoça, que pedia para os passageiros soltarem seus cintos, pois já haviam chegado em seu destino. A aeromoça também agradeceu pela preferência de

viagem e desejou um ótimo dia a todos. Desceu do avião e pacientemente esperou por suas malas na retirada de bagagem. Eram apenas duas, levou só o necessário.

Ao chegar no saguão do aeroporto, já pôde notar que lado de fora o clima era bem quente da cidade. Com muito calor arregaçou as mangas de sua blusa branca social.

Caminhou com calma pelos corredores do aeroporto Leite Lopes indo em direção a saída.

- “Que clima abafado” - pensou. Observando as pessoas vestidas com roupas confortáveis e fresquinhas, se sentiu incomodada com sua vestimenta social que impedia sua pele de “respirar”.

Deu sinal para um táxi qualquer que passava pela rua e pediu para que o taxista a levasse ao endereço anotado em seu celular, que seria onde ela iria se hospedar. Do banco de trás do veículo ela observava a paisagem através da janela do vidro que mudava a medida em que o carro se locomovia, atenta a cada detalhe da cidade, pois ela gostaria de recordar-se dessa viagem quando estivesse novamente em Curitiba.

Passados alguns minutos, entraram em uma avenida, seu olhar caiu sobre um monumento, uma estátua de um homem com uma peneira em mãos. Curiosa, perguntou-se o que aquilo significaria.

Ao ler uma placa, soube que se tratava da Av. do Café. O que passou a fazer sentido a presença da estátua, já que, Ribeirão Preto é conhecida como “terra do café”.

Após fazer o retorno, o táxi parou em frente a um edifício, Beatriz pagou o homem que lhe retribuiu com um sorriso largo e logo se despediu saindo do carro ...

No dia seguinte.

Beatriz, havia aceda cedo, ansiosa, bebeu em sua xícara de porcelana o café quente que havia preparado. Estava a confirmar por celular sua presença

na 18ª Feira do Livro. Um dos organizadores do evento iria emprestar seu carro a ela. Em meia hora ele chegaria para entregar o carro e a chave.

Chegado o horário, ela deu uma rápida olhada no espelho que havia na sala, checando se seu cabelo estaria desarrumado ou se seu rosto estava “amassado”. Alinhou sua camisa social como a do dia anterior e saiu pela porta da frente em passos apressados.

Logo se perdeu na correria do corredor, esqueceu onde ficava o elevador. Distraída sentiu algo ou alguém chocar-se contra seu corpo.

- Aí! - ouviu uma voz feminina falar em tom alto.

Olhou para o lado, e encontrou uma moça que aparentava ter seus vinte anos, tinha olhos verdes assim como os seus, cabelos longos e negros, vestida de roupas pretas.

- Desculpe-me - Beatriz se desculpou envergonhada - Estou perdida...

- Nova por aqui? - perguntou a moça.

- Apenas de passagem - sorriu mínimo - você poderia me ajudar? Preciso descer para pegar a chave do....

- Tudo bem - a interrompeu antes que ela continuasse - Venha comigo!

A moça guiou Beatriz até o elevador e juntas entraram dentro do mesmo.

- Me chamo Stella Menezes - puxou assunto, a morena.

- Sou Beatriz... - sorriu sem mostrar os dentes.

Algum tempo depois...

Suspirou cansada, já era a décima vez que errava a rua. Algumas vezes até entrava na contramão e por pouco não causou um acidente. O GPS do carro? Um lixo, não havia ajudado Beatriz em nada.

Parou em frente a um lugar que aparentava ter sido construído há décadas. Era uma grande casa com um “jardim” em sua volta, cercada por um muro

meio esverdeado, por haver plantas, com algumas tábuas de madeira que formavam uma espécie de cerca.

Olhou para o outro lado da rua, onde avistou uma silhueta feminina, que lhe parecia familiar, se aproximando. Logo percebeu que aquela silhueta era de Stella.

- Hey, Stella - gritou para que ela pudesse ouvi-la.

Logo, Stella já estava ao lado do carro perguntando-se sobre o que estaria acontecendo.

- Estou perdida, preciso ir até a Feira do livro!

- Ah, entendi - riu, humorada - Você teve muita sorte, eu curso enfermagem e já estava voltando para casa. Posso ajudá-la novamente?

Beatriz, mais uma vez, direcionou seu olhar para a “casa antiga”.

- Por curiosidade - falou para Stella que já se encontrava dentro do carro ao seu lado - Que lugar é este? - apontou para o local.

- É o Museu do Café - disse para Beatriz com um pequeno sorriso em seus lábios finos.

- Um museu! - exclamou entusiasmada - Gosto desses tipos de lugares, quem sabe algum dia eu o visite – falou toda esperançosa.

- Acho que não será possível - Stella murmurou baixo, mas o suficiente para que a outra pudesse ouvi-la - Atualmente ele se encontra fechado.

- Ora, mas por quê? - arqueou uma das sobrancelhas, confusa.

- O museu sofre de uma infestação de cupins constante, nas portas, janelas, telhados, forro e piso. As madeiras estão precisando de um tratamento especial. Além de necessitar de uma limpeza nos telhados, troca de telhas, troca de parte do forro e adequações elétricas. - suspirou - Depende de recursos para novas obras e infelizmente não tem previsão para ser reaberto.

- É uma pena... - Girou a chave do carro assim o ligando - Uma pena que, nem sempre o poder público saiba investir o dinheiro da cidade de maneira correta e deixe lugares tão importantes como este de lado.

Stella apenas assentiu com a cabeça concordando, e assim, mostrou-lhe o caminho para a Praça XV onde seria o evento.

Ao chegarem, logo desceram do carro, cada uma seguindo um caminho diferente. Stella aproveitou a ocasião para dar uma olhada nos livros e talvez até comprar uns...

“Nem sempre, tudo é tão perfeito quanto parece...” conclui Beatriz, ao observar tudo o que naquele momento, havia ao seu redor.

*Rafaela Cristina Afonso e Thayná Valentim Vieira*

## *Denúncia Cultural*

*Conto – 2 do 9º ano B*

No começo da noite, assim que chegou em casa, Beatriz recebeu um telefonema da comissão organizadora da Feira do Livro de Ribeirão Preto que teria assistido a uma de suas palestras e se interessou em de recebê-la no evento nos dias 21 a dia 25 de maio desse ano para palestrar e conhecer a 18ª edição da Feira do Livro.

Após conhecer os nomes dos autores que iriam estar no evento, Beatriz ficou muito feliz em ministrar suas falas em outro lugar sem ser em Curitiba, sua cidade natal, e aceitou o convite com prazer, pois era uma amante da literatura.

Uma semana antes do evento começar, a prefeitura de Ribeirão junto com o autor Cristovão Tezza, fizeram um concurso de leitor mais assíduo. E este que ganhasse iria acompanhar e mostrar a cidade para Beatriz durante o tempo que

ela ficasse na cidade. O concurso era sobre o autor Cristovão Tezza, o mesmo, participaria da feira do livro no dia 22 de maio. Após algumas perguntas sobre as obras e a vida do autor, a cidade elegeu uma vencedora, uma grande fã do autor. A ganhadora chamava-se Catarina, tinha 30 anos, era ruiva e morava em Ribeirão desde pequena, então conhecia muito bem a cidade.

Semanas se passaram e, chegou o dia em que Beatriz iria para Ribeirão Preto prestigiar o evento.

Já no saguão do aeroporto Leite Lopes, ela encontrou Catarina que segurava uma plaquinha com seu nome.

No carro Catarina se apresentou a Beatriz, e ela fez o mesmo, depois de papear muito, a vencedora do concurso perguntou à palestrante se ela queria conhecer alguns pontos turísticos da cidade, ela aceitou e assim foram.

Primeiramente a guia levou Beatriz para conhecer o Mercado da Cidade e aproveitaram e almoçaram por lá, a curitibana achou o mercado um ótimo lugar e adorou a comida.

Depois de comer, Catarina a convidou para conhecer o Museu do Café que era um dos lugares favoritos dela na cidade. Beatriz muito educada aceitou. A guia contou para a moça que o Museu do Café está dentro do campus da universidade USP (Universidade de São Paulo) e que lá abriga objetos que relatam o cotidiano vivido por imigrantes, escravos e barões, retratando a história do plantio até a colheita do café. Beatriz amou! Logo após o passeio; como ainda estavam adiantadas para o compromisso, a moça pediu para conhecer o Teatro Pedro II e a guia a levou. Chegando lá a mediadora conta toda a história do prédio do teatro e Beatriz fica encantada. Como a palestrante tinha pesquisado sobre Ribeirão antes de vir para a cidade, perguntou sobre o tal Teatro de Arena que viu nos pontos turísticos da cidade. Catarina contou que ele estava abandonado, mas a levaria para conhecê-lo.

Chegando lá, a guia contou que entre 2012 e 2013 houve uma reforma no teatro de R\$ 1,3 milhões, portanto foi vítima de inúmeros furtos de fiação elétrica e acabou sendo interditado em agosto de 2016. Além dos roubos das fiações elétricas, o teatro também sofreu roubo de um elevador destinado

a pessoas com necessidades especiais, roubo de torneiras, maçanetas, mobiliário e até o painel da energia elétrica e que a secretaria da cultura não sabe quando o teatro voltará a funcionar.

Beatriz depois de ouvir tudo se emocionou e Catarina lembrou que a infância dela foi resumida em ir a esse teatro.

Após o passeio, a guia levou Beatriz até o hotel e encerrou o dia tirando uma foto com ela dizendo que iria prestigiar a sua palestra.

Já no hotel, sozinha, a palestrante ficou chateada com a situação do Teatro de Arena e resolveu denunciar por meio da sua palestra. Beatriz se arrumou, pegou um caderno e foi anotando suas ideias para delatar sobre o teatro de arena. Terminado a palestra, o motorista foi buscá-la para levar ao Teatro Pedro II. Lá ela conheceu o autor Cristovão Tezza, e os dois papearam muito e encontraram muitos pontos em comum, depois a moça foi se preparar para palestrar.

Beatriz subiu ao palco, agradeceu a oportunidade se apresentou, apresentou seu trabalho e disse:

– Bom, hoje não irei fazer uma palestra normal como muitas que faço, hoje eu vim aqui representando todos dessa cidade e principalmente representando sua cultura que pouco a pouco está se desgastando e irá desaparecer. Hoje conheci vários pontos turísticos de Ribeirão, como o Mercado, o Museu do Café, esse teatro maravilhoso que é o Pedro II, mas o que mais me tocou foi o Teatro de Arena. Eu havia pesquisado antes de vir para cá sobre pontos turísticos da cidade, conheci o Teatro de Arena por fotos e por sua descrição, mas chegando aqui, foi uma grande decepção.

De repente surgiu uma voz alta e grossa do meio da plateia: – Sim, o teatro está abandonado, dá pena de ver um patrimônio nestas condições!

As pessoas concordaram e pediram para a palestrante continuar. E assim fez Beatriz. – Bom, acho isso uma falta de respeito, tanto com a população, quanto com a cultura e os patrimônios da cidade. Cá estou aqui representando muitas pessoas que não conseguem serem ouvidas e que agora, através de mim conseguem soltar sua voz.

Peço aos moradores de Ribeirão Preto, para prefeitura, junto com a Secretaria Estadual da Cultura, renovar esse patrimônio tão importante e que marcou tantas pessoas. O povo está pedindo, os visitantes que querem conhecer os patrimônios desta cidade também estão pedindo, alguém tem que tomar uma providência!!!!

A palestrante terminou sua palestra com os olhos cheios de lágrimas e agradeceu ao acolhimento que a cidade havia lhe dado, mas pediu para que salvassem ao Teatro de Arena, ela se levantou, e recebeu muitas palmas. E saiu.

Após todas as palestras e conversas do dia da feira, Beatriz encontrou novamente o autor Cristovão Tezza, eles conversaram e o autor revelou que havia conhecido o Teatro de Arena e que também ficou bastante chateado pelo estado em que ele se encontrava. Conversaram, e se despediram com um aperto de mão.

Quando a feira do livro acabou, a palestrante voltou para sua casa em Curitiba, de onde cobrava todo dia uma satisfação da prefeitura de Ribeirão.

Junto com a população ela criou uma campanha pelas redes sociais: “Salvem o Teatro de Arena de Ribeirão Preto, a população implora pela volta da cultura!”

*Thais Cristina dos Santos*

## *A fã*

*Conto – 3 do 9º ano B*

Beatriz chegou em casa após um dia cansativo, jogou sua bolsa no sofá e se dirigiu ao banheiro, depois de tomar um banho relaxante foi para o seu quarto descansar, assim que se deitou o telefone começou a tocar, a professora mesmo muito cansada o atendeu. Do outro lado da linha um homem se apresentou e disse que era da comissão da Feira do Livro de Ribeirão Preto e a fez um convite para participar da feira e dar autógrafos durante cinco

dias e a avisou que mandaria uma passagem de avião para ela junto com um representante que a estaria esperando com uma plaquinha com seu nome. Beatriz ficou animada com o convite e aceitou, mas dispensou educadamente a ajuda de um representante dizendo que não era necessário.

\*\*\*\*

Quando Beatriz acordou percebeu que não escutou o alarme tocar e já estava quase em cima da hora, ela se arrumou correndo e felizmente conseguiu pegar o voo.

Ao descer do avião avistou uma mulher de estatura baixa e com olhos que combinavam perfeitamente com o longo cabelo castanho claro correndo em sua direção, Beatriz olhou a desconhecida com certa curiosidade, ficou desconfortável quando a mulher a abraçou.

- Desculpe chegar assim, não foi educado da minha parte. Eu me chamo Eloisa Buarque, e sou uma grande fã do seu trabalho – disse a menina transbordando alegria e exibindo um sorriso de orelha a orelha.

- Não tem problema. Você é daqui? - perguntou Beatriz para Eloisa

- Sim. Você quer que eu te ajude a se localizar? Para onde você está indo? - perguntou a garota – Desculpe, estou fazendo muitas perguntas, eu juro que não sou assim, é que quando eu vi você chegando parecia que estava um pouco perdida – continuou ela

-Não, tudo bem, na verdade eu não tenho nenhum lugar em mente, você sabe onde eu poderia ir?

Eloisa começou a pensar – Bem, tem a praça XV, mas você já vai conhecer quando for para a feira, a Maria Fumaça não tem nada muito interessante é só um trem velho parado ao lado de um hospital, o Teatro de Arena e o Municipal também não – ela já estava desistindo quando se lembrou do Museu do Café.

As duas foram até lá, durante o caminho elas estavam conversando com um carro quase bateu no de Eloisa, a menina assustada gritou:

-Las galletas que me muerden!!!!

- Hoje em dia está realmente muito difícil... –Beatriz não conseguiu terminar de falar, pois não estava conseguindo parar de rir, ela tentou parar aquele ataque de riso e perguntou – Você fala espanhol?

-Sim! Até fiz intercâmbio de um ano na Espanha, e inclusive foi lá que eu descobri o meu sonho em ser jornalista – essa revelação deixou Beatriz surpresa.

Quando chegaram ao Museu viram uma placa escrito “fechado para reforma”. Eloisa se lembrou da reportagem que havia visto na TV sobre o fechamento do Museu e começou a pedir desculpas para Beatriz envergonhada com a sua péssima memória. Beatriz tentou a acalmar dizendo que não tinha problema algum, como ela ficou interessada no local, perguntou o que Eloisa achava de elas irem tomar um café e conversarem mais sobre ele. A garota muita animada com a ideia aceitou.

- O primeiro proprietário dessa área foi um cafeicultor mineiro que em 1890 o vendeu a fazenda para um alemão chamado Francisco Schmidt que a reformou. Na década de 30 ele cedeu uma boa parte para o município e em 1950 começou a construção do museu, que só foi inaugurado em 1955. Em 2014, depois de roubarem uma pepita de ouro, um morcego taxidermizado, um punhal que pertencia a um general da Revolução Constitucionalista e a lendária bengala de João Rodrigues Guião, eles decidiram que seria melhor colocar câmeras de segurança no Museu, mas parece que até com a ajuda das câmeras não foi possível impedir outro furto que aconteceu no ano retrasado e além de terem levado quatro carabinas, pistolas e espadas do século XIX o teto acabou caiu por causa de uma infestação de cupins – a jornalista contou, e quando terminou agradeceu silenciosamente o seu professor da faculdade por ter pedido para os alunos fazerem uma notícia sobre o museu com informações sobre o seu passado.

- Nossa então pelo visto a situação está bem complicada. Eloisa eu posso tirar mais uma dúvida com você?

- Mas é claro e qual seria?

- Como você ficou sabendo que eu viria para Ribeirão hoje? – Perguntou Beatriz com curiosidade.

- Bem. Antes de eu te contar quero dizer que por mais que possa parecer que eu sou aquele tipo de fã maluca que é capaz até de sequestrar o seu ídolo, eu não sou assim – a professora acenou com a cabeça para ela continuar com a explicação – Primeiro eu vi em um folheto que você viria para Ribeirão a convite da comissão da Feira do Livro de Ribeirão Preto e como meu namorado trabalha lá eu liguei para ele para confirmar se isso era mesmo verdade, quando ele me confirmou não acreditei muito no começo, achei que era apenas um sonho, mas depois... Fiquei ligando e mandando mensagem para ele pedindo mais informações, e uma hora ele decidiu me contar.

\*\*\*\*\*

No dia seguinte a feira já estava montada, vendedores, escritores e até repórteres já estavam lá. Beatriz estava nervosa e, Eloisa estava trabalhando nos bastidores da pequena entrevista da professora para o Jornal da EPTV. No fim do dia tudo ocorreu bem para Beatriz, mas para Eloisa ele não terminou tão bem assim, já que no final da feira levaram sua bolsa enquanto ela esperava seu namorado. Alguns minutos depois Enzo - namorado de Eloisa – chegou para buscá-la e a encontrou sentada em um banco chorando

- Por que você está chorando? O que aconteceu? – o garoto perguntou preocupado com ela

- Roubaram a minha bolsa, e o livro que a Beatriz autografou estava nela – respondeu Eloisa aos prantos. Enzo tentou pensar em algo para animá-la, quando avistou Beatriz indo em direção a um táxi, correu em direção à tradutora e lhe perguntou se ela tinha algum livro ou papel autografado, por sorte ela ainda tinha um livro que acabou autografando na hora.

Enzo voltou e o entregou para a sua namorada, que ficou muito feliz. Após esse ocorrido ambos foram para a delegacia fazer um boletim de ocorrência, e depois de todo aquele transtorno foram ao shopping pegar um cineminha.

*Elizabeth Zorzetto da Silva Cezário e Flavia de Oliveira Zanoni*

## *Hipocrisia Cultural*

*Conto – 1 do 9º ano C*

Após um dia de trabalho, tudo que Beatriz queria ao chegar em casa era descansar. Mas lembrou - se que estava esperando um e- mail de um aluno. Ao abrir seu e-mail, deparou - se com uma mensagem que não esperava.

De: org.feiradolivrorp@gmail.com

Para: profbeatriz04@gmail.com

Assunto: Convite para a 18ª edição da Feira do Livro

“Cara Beatriz,

Nós, Organizadores da 18ª Feira do Livro de Ribeirão Preto, queremos convidá-la a participar de mais uma edição, que acontecerá nos dias de 20 a 25 de Maio, 2018.

Com o intuito de que você possa escrever um artigo sobre a feira, dizendo sua opinião sobre outrora, que será publicado no jornal da cidade. Pois ficamos sabendo que você é uma professora, revisora, tradutora e editora de muito prestígio na sua cidade! Se comparecer, bancaremos sua estadia e sua passagem, que será de avião. Estará à sua disposição uma de nossas organizadoras, que a esperara no aeroporto.

Aguardamos sua resposta o quanto antes.

Desde já, agradecemos! “

Beatriz ao ver a mensagem não pensou duas vezes. E logo respondeu que compareceria no evento.

Dias se passaram e chegou o dia do evento, Beatriz que já não se aguentava de curiosidade e ansiedade, pegou um Uber que a levou para o aeroporto (...).

Depois de fazer seu check-in, decidiu esperar o chamado de seu voo na cafeteria do local, começou a pesquisar em seu celular sobre a Feira e ficou muito encantada!! Tempo depois seu voo foi chamado e ela embarcou para Ribeirão Preto.

Chegando no aeroporto Leite Lopes, uma das organizadoras do evento já a esperava. Beatriz avistou uma morena, de cabelos ondulados castanhos escuros, com olhos castanhos claros corpo esbelto e altura mais ou menos 1,69 cm que usava um crachá e uniforme, e já imaginava que seria uma das organizadoras.

A moça quando viu Beatriz caminhando em sua direção de pronto a reconheceu, já que a mesma quando soube que ficaria responsável por guiá-la procurou pesquisar sobre a mulher.

As duas seguiram uma ao encontro da outra.

- Beatriz?

- Oi, sim, sou Eu!

- Que Bom! Eu sou a Maria Alice, sou a responsável por guiá-la. Estou à sua disposição!! Prazer em conhecê-la.

- O prazer é todo meu!!

- Vamos deixar suas bagagens no hotel? Pois a feira começará daqui a uma hora!! - disse Maria Alice

Beatriz concordou e assim foi feito.

Já no hotel elas deixaram as bagagens, Beatriz tomou um banho, se alimentou e foi para a feira.

Ambas foram as primeiras a chegar na feira e Beatriz ficou encantada e foi muito bem recebida.

Abre-se a feira, e logo vê vários alunos e pessoas interessadas em leitura, vê também vários projetos para crianças jovens e adolescentes!

Passando-se os cinco dias de feira Beatriz fica muito maravilhada com tamanha organização e diversidade de livros. Sendo a sua última noite na cidade, Beatriz chama Maria Alice para ir ao Teatro Municipal de Ribeirão Preto, pois havia visto em cartaz um teatro no qual a história ela gosta muito

“O Pequeno Príncipe”. Maria Alice concorda. As 19h elas chegam ao Teatro, sentam para assistir à peça. No dia seguinte, Beatriz volta para sua casa e escreve o artigo. Uma semana depois sai o artigo de Beatriz no jornal da cidade.

“Participar de algo assim é sempre incrível, sem comparação! A organização da feira do livro foi eficaz e minuciosa, prezando e cativando ao público, tanto as pessoas que moram em Ribeirão Preto quanto as que vão de outras cidades visitar o evento. Um projeto que influencia a leitura é algo que deve ser preservado.

Vi diversas atividades para o público infanto-juvenil e gêneros diversos, shows ao vivo, peças de teatro muito interessantes, brinquedotecas, atividades ao ar livre, livros de todos os gêneros e exposições, palestras, conversas com autores, e há também profissionais treinados para qualquer eventualidade e uma boa segurança.

As participações de escritores das novas e antigas gerações integram uma diversidade satisfatória visando promover e relembrar, novas e antigas obras.

Não há o que criticar sobre a feira de Ribeirão Preto, até mesmo na minha estadia, tudo ocorreu bem, já que ouvi algumas notícias sobre a violência naquela cidade.

Em Ribeirão Preto me senti bem e acolhida pelas pessoas que foram responsáveis por eu ter participado e agora escrevendo esse artigo com minha livre opinião, sem censura.

E como me deram essa oportunidade de falar a verdade, digo que, me espantei com uma experiência, não em relação à feira, mas sim, a cidade de Ribeirão.

Uma cidade que promove um respeitoso projeto literário na Praça XV, infelizmente, se esqueceu de algo, também, importante que é o seu Teatro Municipal.

Bom, não estava em meu cronograma fazer uma visita por lá, porém, acabei descobrindo a existência do Teatro Municipal através de uma peça

que eu soube que seria apresentada e estava doida para assistir, e gostaria de dizer que me decepcionei profundamente com o que vi!

Os assentos do teatro estão rasgados, percebi a falta do carpete – que mais tarde descobri ter sido retirado por exigência do corpo de bombeiros pelo perigo das fiações elétricas desencapadas, ar condicionado quebrado e ao longo da apresentação notei a precariedade dos equipamentos disponíveis para os artistas. Depois que a apresentação acabou, tomei a liberdade de falar com o elenco e assim que entrei na coxia pude ver que o problema era maior que imaginei. O som quase não “falava” mais, a iluminação que por pouco não os deixou na mão e o palco faltava pequenos pedaços da madeira, que poderia facilmente causar um acidente. Quando perguntei ao elenco da peça o que haviam achado disseram-me que iriam embora com o sentimento de meio termo, felizes pelo carinho e receptividade do público e tristes pelo estado de abandono que se encontrava o local.

É decepcionante saber que uma cidade como esta, que promove a cultura, infelizmente acabou se esquecendo dos patrimônios culturais, que merecem ser reconstruídos. É muito triste!

Pensem, se nos livros o impossível é imaginado, no teatro ele é real e totalmente possível, e para isso realmente acontecer só é preciso um pouco de cuidado e atenção por parte de nossos governantes e de nós cidadãos.

E apesar de tudo, saí desta cidade feliz pelas coisas boas e pelas ruins também, pois eu sei que deixei uma pulguinha atrás da orelha de vocês.”

O povo ao ler o artigo de Beatriz, ficou chocado com a denúncia disfarçada da moça e acabaram tomando consciência do tamanho do problema que há muito tempo era tratado com desinteresse público. Com a denúncia a população começou a cobrar da prefeitura os devidos reparos.

*Iasmim Ap. Barbosa Teodoro e Nayara Frondola de Souza*

## *A viagem de Beatriz.*

*Conto – 2 do 9º ano C*

Era uma quinta-feira dia 17/05/2018, fim de tarde, Beatriz chega em casa, abre a geladeira, pega um copo de suco, em seguida checa seu e-mail. Com uma voz surpresa pensa alto: - Olha só, há um e-mail diferente o que será? Com um sorriso no rosto abre o e-mail e vê que é um convite para um grande que dizia:

“Prezada Beatriz, nós da organização da 18ª Feira do Livro de Ribeirão Preto - SP, a convidamos para participar do nosso evento com o intuito da Srta. avaliar alguns contos de crianças e jovens das escolas estaduais da diretoria do município que participarão do projeto “Combinando Palavras”. Não terá custo nenhum, caso aceite nosso convite. Ficará hospedada no JR Hotel, no centro da cidade. A feira acontecerá nos dias 21 a 25 de maio de 2018. Sua saída será marcada com um dia de antecedência (20/05/18) às 13h no aeroporto Afonso Pena em Curitiba, assim terá tempo de conhecer Ribeirão e descansar.”

Beatriz entrou em contato com os organizadores do evento e aceitou. Arrumou sua mala e decolou.

A viagem durou cerca de 1h e 30 minutos, chegou no aeroporto de Ribeirão e uma das colaboradoras do evento já esperava por ela. Maitê, tinha olhos claros, ruiva, alta, estava com um jeans rasgado, uniforme com o logo da feira do livro estampado na camiseta caminhou até Beatriz e se apresentou.

Caminharam até o carro, se conheceram um pouco no caminho, Maitê a deixou no hotel combinado.

Beatriz descansa um pouco, e chama um táxi para conhecer a cidade. Então pede para o taxista a levar para conhecer alguma biblioteca. Ele a leva na biblioteca Leopoldo Lima e ela fica pasma, pois os livros estavam mal cuidados, não tinha bibliotecária, o ambiente estava sujo, era de dar dó! A moça volta para o hotel, mas aquela cena não saía da sua cabeça.

Chega o dia 21/05, os alunos levam seus textos. Beatriz senta diante à mesa que colocaram em um dos stands da feira e começa a ler e ouvir os contos dos estudantes. Estava gostando da experiência. Mas a cena da biblioteca sempre vinha a sua cabeça.

Então teve uma ideia. Fez um mutirão com os alunos e juntos escreveram cartas para o poder público. Nessas cartas os alunos pediam reformas para todas as bibliotecas da cidade de Ribeirão Preto.

Eles ainda aguardam resposta dos governantes. Beatriz cumpriu seu papel de cidadã. Voltou para Curitiba e lá criou um movimento como alerta aos danos contra os patrimônios públicos fazendo denúncias e abrindo também espaços para serem denunciados em redes sociais de qualquer cidade do Brasil.

*Lara Braquioli Santos e Stefany da Silva Freitas*

## *A aventura de Beatriz*

*Conto – 3 do 9º ano C*

Beatriz acorda com os raios de luz que invadem o seu quarto e chegam em seu rosto, ela se espreguiça e estica seu braço para pegar o seu celular e verificar que horas são, e se depara que já são sete e trinta e quatro. Levanta rapidamente, pois tem que dar uma aula de reforço às nove horas da manhã em uma casa do outro lado da cidade, ela corre para o banheiro, se olha no espelho e vê o seu cabelo castanho todo embaraçado. Após se arrumar, já eram oito e seis, Beatriz escuta o seu telefone tocando e quem está ligando é o pai de seu aluno de reforço. Beatriz atende explicando que vai se atrasar um pouco e o pai respondeu:

- Se atrasar? A aula é só amanhã e é sobre isso que eu queria falar, vou viajar e quero cancelar a aula.

Beatriz diz que não haverá problema, e que ele pode remarcar a aula, depois que voltar de sua viagem, o pai concorda e pede desculpas por cancelar.

Após receber a ligação e perceber que era domingo, Beatriz pega seu notebook e vai até uma cafeteria tomar seu café da manhã como de costume. Ela chega na cafeteria senta em uma mesa de frente para a janela, pede o de sempre, um cappuccino de chocolate com um pouco de essência de menta e para acompanhar cookies. Enquanto aguarda a chegada de seu pedido, liga o notebook e verifica seus e-mails, em um deles há um e-mail de Viviane Mendonça, representante da Fundação da Feira do livro a convidando para ser a tradutora da renomada escritora J.K Rowling. Beatriz ao ler o e-mail não acreditou, ficou pasma, leu várias vezes até seu pedido chegar.

Era tudo que ela precisava para mostrar seus talentos. Enquanto apreciava o seu cappuccino, verificava passagens de avião de Curitiba até Ribeirão Preto. Comprou as tão sonhadas passagens. A aeronave sairia às seis horas da manhã de terça-feira.

Os dias se passaram e chegou a aguardada terça-feira. Beatriz levanta às quatro da manhã, suas malas já estavam prontas, era uma de mão que ficaria com ela durante o voo e outra que iria para o bagageiro.

Às 5 horas ela já estava no aeroporto internacional de Curitiba, estava nervosa, pois tinha medo de aeronaves. Fez o check-in, despachou sua mala e foi para a sala de embarque. Toda vez ao escutar um número de voo, Beatriz conferia número por número de seu papel de embarque. Finalmente o número do seu voo foi pronunciado, seu coração disparado e suas mãos frias e suadas não paravam de tremer, ela sentia aquele frio na barriga que a deixava falar direito. Ela ficou na fila para a correção dos bilhetes e logo chegou a sua vez, a aeromoça muito gentil desejou uma ótima viagem. Beatriz tão aflita mal respondeu, seguiu as pessoas até uma aeronave não muito grande.

Ao entrar, procurou seu assento ajustando sua bagagem de mão em seu colo. Antes da aeromoça falar algo Beatriz já estava com seus cintos apertados e prestes a tomar seu calmante. A aeromoça como sempre fez as orientações sobre turbulências e pousos forçados, isso foi a gota d'água para

Beatriz ficar mais nervosa. Logo caiu no sono por causa do calmante. Ela só foi acordar, pois a aeromoça havia lhe cutucado e informando que já tinha chegado no destino. Beatriz meio sonolenta tirou o cinto, pegou sua mala de mão e percebeu que todos já tinham saído e ela se dirigiu para a saída. Na entrada para o saguão do aeroporto sentiu que o clima era muito mais quente, retirou seu casaco, e foi em direção as bagagens, que por sinal estava só a sua. Beatriz ligou seu celular e viu que tinha uma mensagem de Viviane lhe informando que haveria um motorista e um guia na saída do aeroporto Leite Lopes a esperando, também mandou uma foto para identificá-lo. Ao sair ela logo avistou o guia. Ele era alto, moreno, com um olhar intrigante e foi logo abrindo a porta do carro que a esperava sem dizer uma palavra. Ao entrar no carro Beatriz percebeu que eram oito e cinquenta, e a feira do livro era apenas no outro dia. O motorista lhe deixou em seu hotel, cujo nome era Monte Blanc. Chegou no hotel, retirou suas chaves na recepção e foi para seu quarto, deixou suas malas em cima da cama e tomou um banho.

Ao sair do banho, ela desceu e seu guia chamado Daniel a esperava na recepção, eles conversaram e decidiram fazer um passeio por alguns pontos da cidade e depois irem almoçar.

Ambos saíram do hotel às nove e meia. Daniel sugeriu levar Beatriz até o parque Prefeito Luiz Roberto Jábali para fazerem um piquenique e tomarem um café da manhã. Eles passaram em um supermercado e compraram coisas para poderem fazer o lanche livre. Logo chegaram ao parque, eles caminharam um pouco e após uma volta, sentaram no enorme gramado próximo aos lagos e estenderam a toalha xadrez na grama e montaram tudo. Beatriz fez um comentário sobre o quão bonito era os lagos e as cachoeiras artificiais. Depois de um longo piquenique o dia estava esquentando cada vez mais, chegando bem próximo dos 35°C, como já era meio dia e quarenta Daniel perguntou se Beatriz gostaria de ir até a Choperia Pinguim para almoçar e já conhecer esse patrimônio histórico, ela concordou.

Chegando na choperia ela pediu dois chopes escuros, e uma porção de costelinha defumada com mandioca.

Ao ficarem um longo período conversando ela falou:

- Que tal irmos assistir a uma peça de teatro?

Ele concordou e perguntou em qual teatro iriam e ele sugeriu que fossem no municipal que se situa no morro do São Bento, e ela adorou a ideia. Eles passaram no hotel, ela tomou um banho, enquanto isso ele combinou que voltaria às sete para irem para o teatro.

Ao chegar no teatro perceberam uma situação extremamente precária e vergonhosa para Ribeirão Preto como: a fonte frontal que embeleza o prédio estava seca, a pintura externa era possível perceber que não tinha uma manutenção há um certo tempo, eles compraram os bilhetes e entraram, eram quase oito e a peça estava prestes a iniciar. Já na sala, ao se sentar no assento, Beatriz sentiu um desconforto, pois reparou que a cadeira estava desgastada, rangia e pendia para um lado. Eles assistiram à peça e só não foi maravilhosa, porque o som estava horrível, apesar de possuir uma ótima atuação da equipe de atores. A peça acabou às nove e meia e ao saírem do teatro estava um chuvisqueiro leve que foi aumentando aos poucos junto com o vento. Entraram no carro e Daniel disse que não era só o teatro que estava em más condições, afirmou que o Museu do Café não estava funcionando por mal investimento da prefeitura e comentou estar indignado; pois não fazia ideia da situação do teatro. No caminho de volta ao hotel ela ficou quieta, refletindo o descaso do município com seus cidadãos.

No hotel ela se despediu de Daniel e foi para seu quarto, tomou banho e decidiu contar seu dia em seus status do instagram como de costume.

Depois de ter falado que seria a dubladora da renomada escritora J.K Rowling, o número de pessoas que a seguiram aumentou consideravelmente e suas visualizações dispararam, foi então que ela decidiu fazer um apelo falando sobre a péssima manutenção dos pontos turísticos da cidade de Ribeirão Preto.

Ela escreveu tanto que acabou pegando no sono, pois já era muito tarde e estava extremamente cansada. Bem cedo, ela acordou com o despertador do celular, com o volume alto. Não teve opção a não ser levantar rápido. Já eram oito horas, e como sempre estava atrasada para o tão aguardado momento

da feira do livro. Se arrumou rapidamente e desceu para a recepção do hotel. Daniel ainda não havia chegado, e foi quando ela percebeu que mais uma vez estava adiantada.

Beatriz foi para o salão de refeições do hotel, tomou seu café da manhã enquanto aguardava a chegada de Daniel. Quando retornou à recepção Daniel já a esperava.

Na feira do livro ela avistou várias barracas cheias de universos à venda e viu uma mulher muito bem arrumada falando ao telefone, era Viviane Mendonça. Assim que Viviane a viu, desligou o telefone e foi cumprimentar Beatriz agradecendo a presença. Conversaram muito rapidamente.

Beatriz continuou a olhar deslumbrada a quantidade de livros de várias categorias presentes nos stands. Vendedores atenciosos a recebiam, pois já sabiam quem era ela.

Beatriz apaixonada por literatura, comprava vários livros. Cansada de andar parou e sentou-se em um banco qualquer da praça para descansar suas pernas, mas sua mente pelo contrário pedia conhecimento. Nem sequer esperar chegar em casa abriu sua sacola com universos desconhecidos, história nunca contadas antes, personagens cabulosos e desconhecidos, escolheu um livro e ali ficou lendo debaixo de uma árvore que deixava o ambiente mais fresco e confortável, ali Beatriz ficou, passou passarinho, pousou e voou e ela continuava ali imóvel ela sorriu, chorou, ficou com medo, sentiu alívio. Até que acabou seu livro deslumbrante.

Olhou no seu relógio e percebeu que já eram 12h, pegou sua sacola e foi andar pela praça para procurar algo para comer. Avistou um trailer que vendia salgado. Como estava com fome achou melhor comer ali mesmo, pediu seu salgado e um suco sentou-se em uma mesa, comeu-o e olhou novamente no relógio e percebeu que se não corresse, não chegaria a tempo para a palestra da Alice Ruiz, uma poetisa e compositora brasileira muito renomada, que por sinal Beatriz adorava. Pegou o salgado e o suco e saiu correndo em direção aos stands de livros.

A palestra seria no palco que foi montado em frente ao teatro Dom Pedro. Beatriz sentou-se na plateia, e a palestra começou. Quando a palestra chegou ao meio, Beatriz começou a se sentir enjoada, a passar mal, provavelmente algo que tinha comido ou bebido. Ela correu até ao banheiro do teatro e vomitou. As pessoas que usavam o banheiro perguntavam se estava tudo bem e se podiam ajudá-la. Ao ver que não iria melhorar, Beatriz, achou melhor procurar por Daniel.

O motorista esperava do outro lado da praça, ela com uma aparência nada boa. Chegou até o carro e pediu para que ele a levasse ao hospital. Ele a obedeceu, chegando no posto central, como não era nada urgente, ela teve que esperar. Cansada de aguardar, pegou seu celular indignada e gravou um status, como de costume. Ela falou sobre a saúde pública, e o descaso dos médicos com os pacientes que ficam horas esperando por um atendimento. Ali sentada Beatriz ficou horas e horas, o posto estava lotado.

Finalmente chegou sua vez, o atendimento nunca é dos melhores, mas o médico chegou ao diagnóstico, ela estava com intoxicação alimentar. Provavelmente foi o salgado que ela comeu na praça, como ela vomitou muito, teve que ficar no hospital tomando soro na veia durante a noite toda.

Pela manhã ela teve alta, o motorista estava a esperando na porta, para levá-la para o hotel, pois hoje Beatriz não iria na feira do livro, ela precisava descansar e tomar muito líquido. Muito cansada, dormiu a tarde toda para estar bem no outro dia, quando finalmente seria a tradutora da J.K Rowling sua escritora preferida.

No final da tarde, Daniel foi fazer-lhe uma visita no hotel e levar um jantar, quando ele chegou lá Beatriz ficou muito surpresa e contente, eles conversaram bastante e foi possível ver que estavam tendo uma forte ligação, ele percebeu que já estava ficando tarde ele se despediu e foi embora. Beatriz foi até ao banheiro escovou os dentes, colocou seu pijama e foi dormir.

O grande dia chegou. Ela levantou animada e bem cedo, foi ao banheiro escovou os dentes, se trocou. Quando saiu e abriu a porta do quarto que daria no corredor trombou com Daniel, ele estava segurando uma caixa de donuts

e dois copos de café. Eles riram e entraram no quarto, ela desabafou sobre estar extremamente ansiosa com o fato dela dublar a grande J.K Rowling. Depois que terminaram de comer os donuts e tomar o café, ele a ajudou a ensaiar um pouco mais.

Ao chegar na feira do livro, observaram que havia uma grande movimentação tanto no trânsito quanto na praça. Havia muitos fãs enlouquecidos esperando a chegada da escritora. Em frente a um stand que vendia livros estava Viviane à espera de Beatriz aflita. As duas trocaram algumas palavras, o suficiente para perceber que ambas estavam nervosas. Viviane apressada levou Beatriz até ao palco. Faltava pouco para Beatriz entrar e conhecer a escritora que alegrou sua juventude.

A plateia estava lotada o que já era de se esperar, as mãos de Beatriz estavam suando frio, quando alguém se aproximou e falou baixinho:- pode entrar no palco ela chegou.

Lá se foi Beatriz com as pernas bambas.

Ao entrar no palco, Beatriz, viu aquele tanto de pessoas a olhando que seu coração disparou, seu sentimento era de sair correndo. Em seguida entrou J.K Rowling. A palestra voou parecia que aquela 1h30min com a autora tinha sido apenas alguns minutos.

Após a palestra, haviam uns minutinhos reservados para os autógrafos e Beatriz é claro, acompanhou como tradutora, a escritora, que por sinal se deram bem.

O desafio foi cumprido com êxito. E Viviane foi falar com Beatriz:

- Você foi perfeita, parabéns!

Beatriz muito contente a agradeceu, Viviane disse que ainda a chamaria para participar em mais eventos culturais de Ribeirão Preto. Beatriz adorou. E elas se despediram.

Daniel foi dar os parabéns para Beatriz, eles se abraçaram e ele disse que tinham que sair para comemorar aquele momento. Entraram no carro e ele

pediu para ela fechasse os olhos, pois o lugar que eles iriam era surpresa, ela concordou e tampou os olhos. Ela ficou ansiosa e não parava de rir, tinha uma risada contagiante que fez ele rir também. Chegando no lugar ele foi guiando-a até chegar no exato ponto, até que ele disse:

- Pode abrir os olhos.

Ela abriu os olhos e ficou emocionada, o que ela via, era uma bela mesa montada em uma sacada, com o pôr do sol maravilhoso que embelezava o ambiente e acima várias lâmpadas que enfeitavam e davam um charme, os vasos de belas flores... Beatriz perguntou onde estavam, e Daniel disse que estavam na sacada de sua casa, e que ele estava preparando o jantar de despedida, ele desceu a bela escada em formato de caracol, e subiu com um recipiente com salada de rúculas, tomate seco e queijo, e segurando uma garrafa de Vinho.

Logo o prato principal ficou pronto. Ao subir as escadas para buscá-lo, o cheiro invadiu o ambiente, Beatriz ficou maravilhada com o aroma, era uma enorme lasanha. Ao terminarem o jantar, foram juntos lavar a louça, e após terminar de lavar tudo decidiram fazer uma pipoca e assistir a um filme. Tudo estava pronto para o filme, tinham pipoca, chocolate e refrigerante, assim que o filme chegou na metade ambos dormiram e acordaram só na manhã com a claridade que invadia o cômodo e com o celular de Beatriz tocando, quem estava ligando era o pai do aluno com quem ela havia falado no domingo, ele queria remarcar a aula de reforço para amanhã, ela disse que estaria tudo bem e perguntou se seria no horário de sempre, o pai concordou e deu tchau. Daniel deu bom dia e perguntou quem era no telefone, ela disse que era o pai de um de seus alunos. O voo da professora do retorno para Curitiba era só às duas horas da tarde, e eram nove e quarenta. Ela levantou do sofá e perguntou se Daniel podia deixar ela no hotel para organizar suas coisas, ele concordou. Chegando no hotel eles subiram para o quarto, ela foi arrumando as malas, enquanto isso ele lhe fazia companhia, as últimas horas em Ribeirão passaram voando, logo ela estava no aeroporto aguardando o seu número de embarque ser falado. As uma hora e quarenta e cinco minutos o seu número de embarque foi dito, ela levantou e olhou para Daniel, abraçou ele, seu olho estava com um pouco de lágrimas, eles se

despediram e quando ela virou as costas para ir embora foi possível escutar ele gritando e indo em direção dela, ela virou para trás com uma lágrima escorrendo, ele se aproximou e disse:

- Eu te amo!

Beatriz sorriu e beijou o, em seguida disse:

- Eu também te amo!

Eles se abraçaram novamente, e Beatriz seguiu o caminho de embarque, ao entrar na aeronave escutou o padrão de explicações sobre turbulências e pousos forçados, assim que o avião começou a decolar, Beatriz tomou seu calmante e em poucos minutos dormiu. Beatriz desesperada como os outros passageiros da aeronave estavam em choque, o avião estava sofrendo fortes turbulências e tinha grande risco de queda, a aeromoça estava dizendo para todos manterem a calma e não saírem de seus lugares em hipótese alguma. A aeronave começou a cair e Beatriz gritou.

Ao olhar em volta ela percebeu que tudo não passou de um sonho, logo seu marido entrou no quarto correndo para ver se estava tudo bem, ela disse:

- Sim amor, só tive um sonho.

Daniel aliviado, desejou feliz aniversário de 74 anos.

Ela levantou foi até a janela e viu os raios de luz que atingem seu rosto com marcas avançadas da idade.

*Juliana Paola Santos E Lucas Meni Navarro*





## ESCOLA ESTADUAL DOM ALBERTO JOSÉ GONÇALVES

### *O filho Eterno*

Um filho esperado,  
Um sonho realizado,  
Mas o dia chegou!  
O nascimento,  
A realidade  
E com ela, a decepção.  
E agora?  
Como lidar com a inclusão?  
A dor e a tristeza,  
Naquele instante,  
Se deram as mãos!  
Ah! Mas o amor!  
O amor...  
Conseguiu superar aquela situação!

*Kauan Rezende Fedelis e Rodrigo Braz Soares*  
*Alunos do 9º ano A*

### *A verdadeira deficiência*

A deficiência física  
Que as pessoas têm  
Não se compara  
A deficiência de mentalidade de  
outras pessoas

O preconceito de muitas pessoas  
Mostra o quanto elas  
É que são insignificantes  
Pela “burrice” de pensar de forma  
errada

A pessoa que tem deficiência  
É igual as outras  
Tem a mesma capacidade  
Mas, muitas vezes não tem a  
mesma oportunidade

A diferença, o erro  
Está nas pessoas preconceituosas  
Na verdade, elas é que são  
deficientes.

Deficientes no amor, na compaixão

Ao final os deficientes  
São aqueles que não enxergam sua  
deficiência  
O preconceito.

*Wellinton Gabriel Brandão*  
*Aluno do 9º ano C*

### *Transformação*

Você olhava com um olhar bruto  
De ódio e rancor  
De não ter feito certo.

Falava que não amava  
Que ele era insignificante  
Que nasceu quebrado!

Mas viu que tinha  
sentimentos  
Pois quando ele se perdeu,  
Você chorou!

Pois o amava  
Assim como ama escrever!

O tempo passou,  
E seu pequeno jogador  
Evoluiu.

Com isso você evoluiu  
também  
Aprendeu a vê-lo  
Como ele realmente é.

Uma criança linda  
Talentosa, amorosa  
E que te ama como você é.

*Julia Dias Favaro*  
*Aluna do 9º ano C*

*“Alguém provisório, talvez; alguém que, aos 28 anos, ainda não começou a viver. [...] ele não tem nada, e não é ainda exatamente nada”.*



## ESCOLA ESTADUAL VEREADOR JOSÉ BOMPANI

Obra escolhida para trabalho em sala de aula:  
O filho eterno

### *As crianças especiais devem ser respeitadas por todos*

As crianças especiais possuem certas limitações físicas ou intelectuais e muitas vezes elas não são compreendidas pela sociedade na qual vivem e esse fato gera isolamento e preconceito provindos de colegas e familiares.

Entretanto, o fato colocado acima não significa que essas crianças, jovens e adolescentes não possuam qualidades, sonhos e desejos que muitas vezes são escondidos por medo da reação de pessoas próximas aquela criança. Outro fato negativo é a ausência dos pais que, na maioria dos casos, não planejaram aquela bebê e se sentem arrasados com a notícia de uma criança com necessidades especiais.

Assim, a falta de apoio tanto dos familiares como da sociedade impede o adolescente de desenvolver habilidades e competências necessárias ao seu desenvolvimento humano, gerando preconceitos e julgamentos da sociedade.

*Ana Clara Lima Miguel - Aluna do 9º ano A*

### *A superação do preconceito*

A criança especial deve ser considerada como todas as outras crianças, pois há nela possibilidades de desenvolvimento iguais as outras crianças de seu convívio. Assim, tratada com amor e carinho pelas pessoas, ela pode estudar e trabalhar como todo ser humano. Mas, infelizmente temos um mundo chamado “preconceito”.

Assim, a criança e o adolescente, portadores de alguma síndrome, não são respeitados e muitas vezes sofrem comparações injustas ou isolamentos por parte de colegas e companheiros que estudam na mesma escola.

Outro fato e questão da família não aceitar a criança por achar que a menina ou menino vai dar trabalho tendo que levá-los a médicos especialistas como psicólogos e fonoaudiólogos, entre outros. E, assim elas são abandonadas a própria sorte ou adotadas por outras pessoas da família como avôs, avós e tios.

Portanto, a pessoa portadora de alguma síndrome deve ser tratada com atenção e carinho através da socialização entre família, escola e amigos que devem procurar ajuda e conhecimento para ajudá-la a superar a si mesma e ao preconceito existente na sociedade atual.

*Maria Eduarda Lima Miguel - Aluna do 9º ano A*

### *Carta ao autor*

Caro escritor:

Venho por meio desta carta dirigida, escrever minha opinião sobre o tema discutido em seu livro “O filho eterno”.

Em minha opinião, o livro é interessante e cheio de sentimentos e emoções entre as personagens atraindo a atenção do leitor sobre a temática discutida

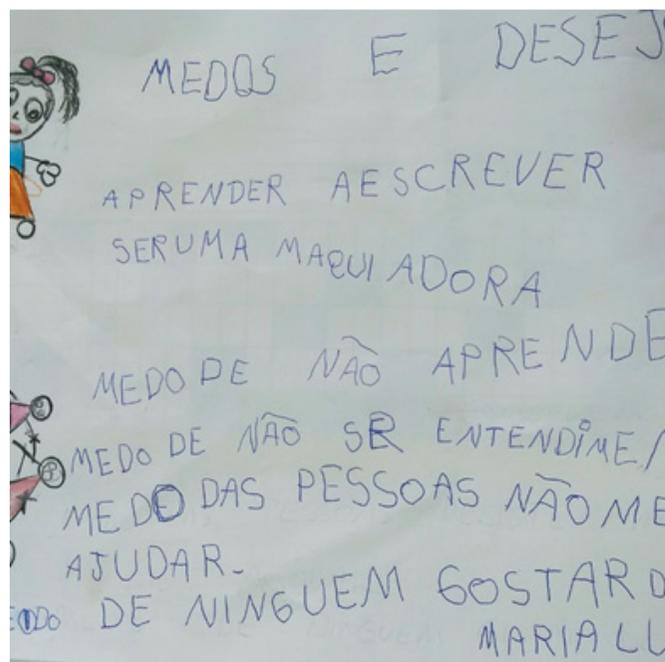
no livro. A história me fez pensar sobre alguns alunos na minha escola que são portadores de alguma síndrome. Eles conseguem aprender algo através da ajuda de professores que os tratam bem com atividades divertidas para eles.

Por fim, como aluno gostaria de sugerir que no próximo livro você abordasse mais sobre esse assunto, pois as pessoas poderiam pensar melhor antes de discriminar e isolar essas crianças e jovens que com certeza possuem talentos e habilidades a serem desenvolvidas por alguém na sociedade.

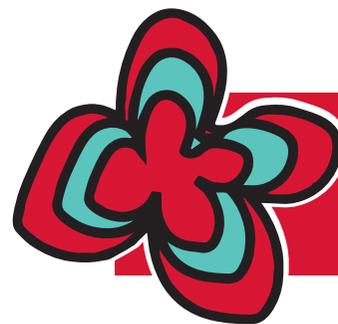
Com os meus agradecimentos,

Lucas

*Lucas Eduardo Martiniano - Aluno do 9º ano A*



Produção escrita de um aluno especial após debate sobre a obra realizado em sala de aula.



**ESCOLA ESTADUAL  
OTONIEL MOTA**

Cristóvão Tezza me impressionou no livro pela honestidade de contar algo tão pessoal e expor ao público momentos de sua vida que definiram sua relação ‘complicada’ com o filho. Ele conta detalhadamente o seu primeiro encontro com o filho, ele estava ansioso com a chegada do primeiro filho e dos desafios que encontraria com a paternidade. É praticamente um desabafo em primeira pessoa sobre os desafios de ser pai de uma criança com Síndrome de Down.

Mesmo que muitos não alimentem o desejo de ter um filho inteligente, bem-sucedido em qualquer aspecto da vida e admirado em seu meio, a maioria espera ter um filho “normal”. Uma boa parte da história passa com o pai acreditando que o filho não tem problema algum, nega tudo, se ilude.

O contexto do livro me apresentou o conflito interno de um homem que se sente culpado por não saber como lidar com seu filho com Síndrome de Down. Ele não quer levar ninguém às lágrimas, nem vender mais livros ao incluir declarações polêmicas. A impressão que tive é de que ‘O Filho Eterno’ é a culpa de um pai que ama muito seu filho, mesmo que ao longo de todo o livro não tenha precisado escrever isso uma única vez.

O pensamento que lhe veio quando soube da condição de seu filho pareceria cruel se não fosse tão verdadeiro e humano. As falhas do ‘pai-escritor’ são relatadas lado a lado com sua luta diária, vivendo sempre o presente, nem passado, nem futuro, enxergando dez metros à frente. O livro acompanha os 20 anos de seu filho, sem que você perceba como o tempo vai passando.

Enfim o ‘Filho Eterno’ faz um emocionante trabalho de aceitação da paternidade, Tezza expõe as dificuldades, e as pequenas e grandes vitórias de criar um filho com Síndrome de Down. O livro é uma espécie de acerto

de contas entre ele e o filho ao longo das 224 páginas do livro. O desejo do pai de se aproximar do filho, de ensinar-lhe alguma coisa acaba vindo com o tempo. Como ele é professor e escritor, tenta se aproximar de seu filho pelas letras, literatura, porém é de futebol que o garoto gosta e é daí que surge a aproximação de pai e filho, através do futebol.

*Thiago Barreto dos Santos - Aluno do 3º ano C*

### *Como ser amarelo*

Seus traços faciais me faziam lembrar de um desenho que eu mesmo fiz na infância. No começo, perdia horas a fio procurando características minhas no seu rosto, mas, ele não tinha o mesmo olhar fatigado, o andar carrancudo ou as manias teimosas as quais minha mãe repreendia meu pai e minha esposa me repreende. Não. Os olhos dele são amendoados e têm os próprios contornos. As mãos têm suas próprias linhas.

Durante oito anos e seis meses, só o que eu sabia sobre ele era que a sua cor favorita era amarelo. Igual ao sol, as abelhas e a felicidade.

Naquela noite de quinta-feira foi diferente. Sua mãe estava cansada demais para lhe dar um beijo de boa noite, então a deixei adormecida no sofá, e, hesitante, entrei pelo caminho inóspito que era para mim o corredor até seu quarto.

Foi quando conheci o ser que carregava o mesmo código genético que eu. E olhando-o de perto, notei que compartilhávamos aquela pinta no ombro, e que o timbre da sua voz lembrava o meu.

Então se tornou claro: não era ele quem estava sendo empurrado pela multidão. Era eu.

*Giovanna Lopes - Aluna do 3º ano C*

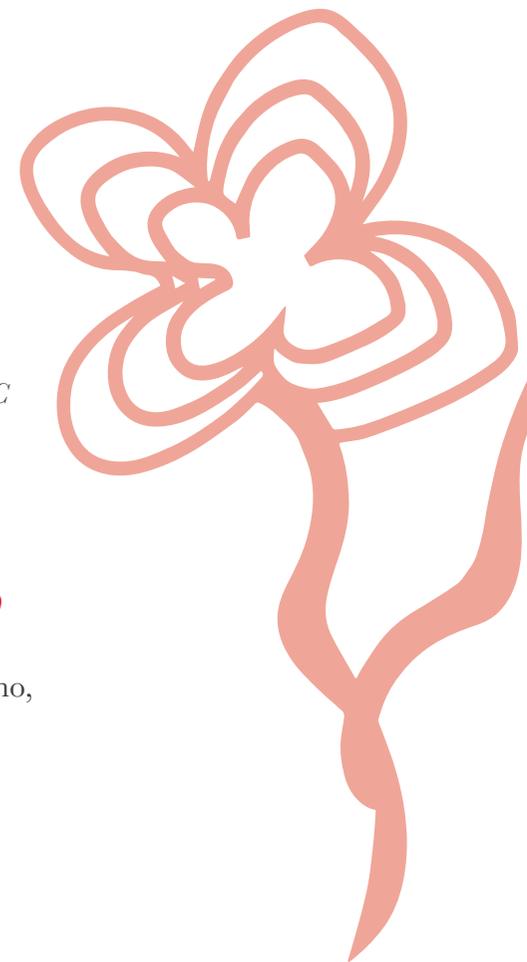
Em uma noite, uma mulher avisou:  
- É hoje  
O seu marido animado, levou a sua esposa  
Em um hospital  
Lá a criança nasceu  
E um dos médicos percebeu  
Que o recém-nascido tinha Síndrome de Down  
Que o fez tão especial  
O casal passou a sua vida com dificuldades  
Era difícil entender a realidade  
Mas isso se resolveu pelo esporte  
Foi o futebol que deu sorte  
Para o pai entender o problema  
E a vida ficou mais fácil  
Com seu menino ao lado  
Pai e filho relação de amor eterno

*Isabela Cristina de Andrade - Aluna do 3º ano C*

### *Materno paterno filho e eterno*

Qual a diferença entre o materno e o paterno,  
Que cuidam do filho do verão ao inverno  
Que amam e não reclamam,  
De cuidar e amar.  
Na minha crença não sei,  
Se há ou não diferença.  
Só sei que do materno ao paterno  
Existe um filho eterno.

*Paulo Augusto de Lima Ramos - Aluno do 3º ano C*





## ESCOLA ESTADUAL PARQUE DOS SERVIDORES

### *Eterno Amor meu!*

Um filho muda a vida da gente,  
Principalmente quando nasce e  
vemos  
Que ele é diferente.

A literatura e a poesia,  
Mexem com a imaginação,  
Mas o mundo real  
Sempre nos traz uma lição.

Quem nunca passou noites  
Acordado por um chorinho;  
Melhor viver sem dormir  
Do que ser na vida sozinho.

Pela primeira vez,  
Ouço a engrenagem do tempo  
E uma nova vida  
Me faz repensar o momento.

Um filho é aquilo  
Que os pais nunca poderão escapar.  
Diante dessa certeza implacável,  
Agora só me resta amar!

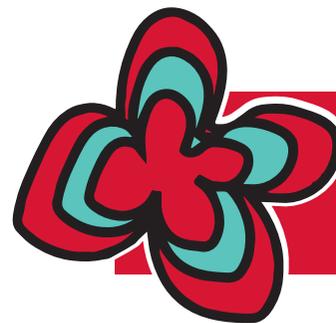
Ser pai é sorrir, chorar,  
Sofrer, gargalhar.  
Algo tão forte e profundo,  
Que alguns podem experimentar.

Os filhos são nossa continuação,  
O volume dois da nossa história.  
E nós, os pais,  
Os guiamos na trajetória.

Um filho é sempre especial.  
Não importa o jeito que nasça,  
Esse amor é incondicional.

Ser pai é o maior ato de coragem  
de alguém.

É se expor a todo tipo de dor,  
Até que compreendamos  
O verdadeiro significado da  
palavra AMOR!



## ESCOLA ESTADUAL PROF. RAFAEL LEME FRANCO



### **Meu filho**

Quando soube de você fiquei eufórico  
Quando me deram a notícia fiquei  
melancólico  
Não te queria e não te amava  
Por mais que tentasse não adiantava

Da síndrome nunca me salvaria  
Você seria diferente da maioria  
Em um pensamento drástico cheguei  
E sua morte desejei

Mas você sobreviveu  
Fiz de tudo para você se encaixar  
E nenhum resultado isso deu

De amor paterno lhe privei  
Percebi os muitos erros que cometi  
Perdoe-me, saiba que aqui sempre estarei

### **Alunos autores:**

Giulia Laura Magallini  
João Vitor Zayat Lopes  
Maria Fernanda Faria Kurukava  
Tabata Ferreira de Souza

### **Professora Orientadora:**

Dulcencia Aparecida de Melo

### **Ilustração:**

Mário Kurukava Neto

## *Limitação não condiz com incapacidade*

Trissomia do cromossomo 21, também conhecida como Síndrome de Down, é uma doença genética que afeta mais de 150 mil pessoas por ano só no Brasil. Provoca vários atrasos no desenvolvimento, deficiência intelectual e dificuldade em pensar e compreender.

São vários os desafios enfrentados por pessoas que apresentam essa limitação, possuímos um sistema falido e uma educação que não oferece assistência a essas pessoas. No mercado de trabalho, as oportunidades são escassas e o desafio torna-se ainda maior quando o indivíduo tenta inserir-se numa sociedade despreparada e preconceituosa, que não sabe lidar com diferenças.

Entretanto, o que quase ninguém sabe é que quem nasceu com essa síndrome consegue aprender e realizar as demais atividades como qualquer outra criança, sendo que cada indivíduo se desenvolve em seu próprio tempo, dependendo da severidade da doença.

Todavia, receber o diagnóstico que um filho ou um parente próximo possui essa condição, nunca foi e nunca será fácil para ninguém. Dessa forma, é indispensável num primeiro momento o uso do máximo de recursos possíveis para garantir que essa criança tenha uma vida próspera, feliz e saudável.

A persistência deve vir juntamente com a orientação correta que os pais devem receber para tornar todo o processo de desenvolvimento cada vez mais viável. A inclusão social deve ser utilizada como um apoio para demais entidades possibilitarem cada vez mais a aproximação entre sociedade e deficiente. Temos, por exemplo, a APAE A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), que é uma associação em que, além de pais e amigos dos excepcionais, toda a comunidade se une para prevenir e tratar a deficiência e promover o bem-estar e desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Acerca disso, todas as barreiras da ignorância e do preconceito podem ser combatidas com solidariedade e educação, além da criação de novos programas e políticas públicas que priorizem o combate ao preconceito.

Nesse sentido, temos a obrigação de preparar as crianças de hoje para que se tornem adultos responsáveis e que assegurem um mundo melhor para todos, principalmente, para os que mais precisam de nosso apoio e reconhecimento.

Já dizia Sir Arthur Lewis, “Educação nunca foi despesa. Sempre foi investimento com retorno garantido”.

*Emily Antunes Gonzaga de Oliveira*

## *A Estrela que brilha mais forte*

Certa vez, algo ocorreu que me causou comoção, eu estava com 15 anos, sentada no sofá, em uma tarde de domingo, Léo, meu irmão, um garotinho de 13 anos, portador de deficiência mental aproximou-se de mim com alguns livros infantis que eram cheios de desenhos e todos coloridos e disse:

- Ana, lê pra mim, eu não sei ler!

Fiquei alguns minutos para conseguir absorver aquela frase e ler o livro para ele de uma forma que pudesse entender, explicando também as imagens.

Depois, um sentimento angustiante me pegou. Por que será que eu reclamava tanto de passar meus finais de semana atolada de trabalhos escolares para fazer? Como eu poderia reclamar dos vestibulares e provas que precisava prestar? ...

Léo, mesmo frequentando a escola diariamente não conseguiria aprender a escrever o próprio nome e mesmo assim possuía o interesse de saber do que se tratava aquele livro. Tudo o que falta em nossas vidas é agradecer e aproveitar as habilidades que a nós foi concedido, pois neste mundo em que vivemos quem tem não reconhece e quem não tem, como Léo, daria muito para ter.

*Ana Clara Rodrigues Borro*



Obra trabalhada: O filho Eterno

### *O filho eterno*

O filho eterno conta a história de um escritor com alguma de suas obras publicadas, que está prestes a ter um filho, mas que logo ao nascimento da criança, ele descreve que seu filho tem Síndrome de Down.

Foi muito difícil para este pai entender do que se tratava afinal a doença não era tão estudada assim e para quem estava de fora parecia ser algo totalmente estranho.

Ele não aceitava que seu filho nasceu assim sempre que podia fugir, fugia, só para não enfrentar uma coisa que ele considerava um problema. Após muitas buscas para uma possível ‘cura’, ele descobriu que não tinha nada que podia ser feito, mas mesma forma, ele sempre tentava fazer com que o filho falasse ao menos uma palavra certa.

Depois da fuga de Felipe em uma das tentativas do pai de corrigir a criança, ele finalmente percebeu que estava errado por agir daquela forma, logo despertou um grande amor paterno se arrependendo de todas as suas atitudes.

*Beatriz Candida Brito - Aluna do 1º ano A*

### *O filho eterno*

Se você tivesse um filho com Síndrome de Down, ou qualquer outro ponto que o classifique “anormal” ou “diferente”, você o desmerecia? Trataria-o com desprezo? Se você é um ser humano desceite, provavelmente, você o amaria com tanta intensidade, que os amigos de seu filho, teriam inveja.

O foco no qual quero chegar é: um livro. Todos sabemos que quanto mais lermos, mais conhecimentos teremos, nosso vocabulário será grande, terá muita inteligência e o mais importante: terá a imaginação de uma criança em saber que já visitou Paris, e em algumas páginas depois, já estaria em Londres novamente. Ler é mágico.

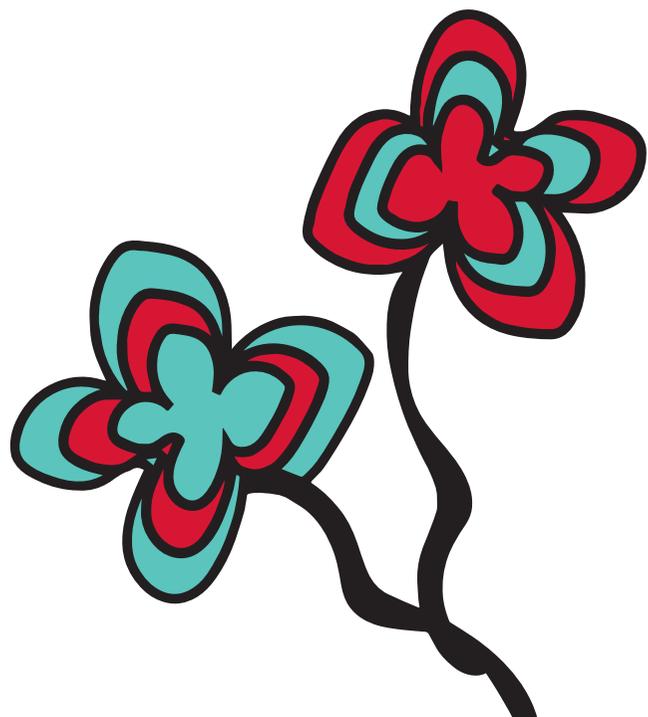
O personagem principal de um livro fictício é o escritor e acaba por ter seu primeiro filho, na década de 1980, e como qualquer pai de primeira viagem, ele estava empolgadíssimo, mas, ao nascimento de Felipe aquela magia acabou! Ele e sua esposa descobrem que seu filho nasceu com Síndrome de Down, e o pai não aceitou o fato, tratando o menino com todo o desprezo e ódio que existia dentro de si. Os anos passam, até porque o tempo não para, Felipe cresceu, recebendo o amor de sua mãe. Ano de 1994, o garotinho por si só ama o futebol, uma coisa em comum com seu pai, Em um dia comum, como os outros com seu pai, Felipe se revolta e resolve fugir, após ouvir as mesmas reclamações. O pai, ao se dar conta da perda de Felipe, fica o dia inteiro fora à procura do seu Filho Eterno. Ao chegar em sua casa à noite, avista em frente de sua residência vários policiais. Corre vê se menino, sentado no sofá, e sem pensar duas vezes corre para abraçá-lo. E foi naquele dia, que o pai percebeu que amava seu filho, mesmo negando isso, todos os dias, durante anos...

Esse livro conta uma história de amor, respeito aceitação e intrigas, te deixa emocionado do início ao fim, te prende como você não imaginava que seria possível. Com personagens interessantes e história comovente “O Filho Eterno” é um excelente livro.

*Stephanie Cristina Pereira - Aluna do 1º ano A*

## *Mais que um filho eterno*

O livro fala sobre um escritor que possui um filho com Síndrome de Down que é Felipe. Quando este pai viu seu filho nascendo, ele percebe que tem algo errado com ele, talvez porque Felipe seja menor do que os bebês normais. Mas de acordo com o tempo, ele começa a pesquisar sobre algumas doenças que as crianças poderiam nascer e ele viu a Síndrome de



*“Três estranhos em silêncio. Não há o que abraçar”*

Down, começou se aprofundar mais no assunto sobre essa doença, leu que o desenvolvimento das crianças é bem devagar e achou isso um absurdo. Até que um dia o escritor vai junto com sua mulher e seu filho ao hospital e os médicos confirmaram que seu filho tem a síndrome, isso o deixou triste e mais ainda revoltado. Um escritor como ele praticamente perfeito, teve a capacidade de ter um filho doente. Ele desejou a seu próprio filho a morte, já que ele não tinha capacidade para nada.

Este pai estava um dia lendo um livro sobre a doença e descobriu que eles vivem por apenas dois anos o que o deixou aliviado e um pouco mais feliz. Porém, queria que seu filho fosse um bebê normal, então ele conhece uma clínica que sabe tratar esse tipo de pessoa. Mas quando leva Felipe, a médica diz que eles não são um problema, mas para ele, Felipe sempre seria.

Porém, pelo modo da criança ser especial, a sua mãe havia de ter mais cuidado com ele e deixando de dar atenção para seu marido, o que leva o mesmo a sair de casa para beber e trair sua esposa. Nesse meio tempo, o pai começa a lembrar da época em que era marinheiro e sua vida era realmente feliz, assim ele percebe que o que leva alguém ter a síndrome, é a má nutrição durante a gravidez, colocando a culpa em sua mulher pela situação.

Anos se passam e o escritor ainda estava do mesmo jeito, distante de seu filho e de sua mulher, fazia de tudo para que Felipe falasse perfeitamente uma frase sem errar. Em uma de suas tentativas para que ele não ficasse muito perto da televisão pois iria prejudicar suas vistas, Felipe acaba se chateando e foge de casa. O desespero do pai é nítido, achava que nunca mais veria seu único filho, em meio a tanto arrependimentos, um sentimento desconhecido surge, era o amor de pai, aquilo que nunca havia sentido antes, foi preciso acontecer algo terrível para o escritor perceber que estava agindo errado.

Felizmente Felipe retorna à sua casa, e o pai fica totalmente aliviado, se desculpendo totalmente por cada erro que cometeu durante todo esse tempo, ele percebe que seu Felipe não era um problema, e sim o seu filho eterno.

*Nicolle de Souza Padilha - Aluna do 1º ano A*





2018  
COMBINANDO  
**PALAVRAS**

Eliane Brum



## ESCOLA ESTADUAL EUGÊNIA VILHENA DE MORAIS

Turma: 2º I – Ensino Médio

Baseado na obra A VIDA QUE NINGUÉM VÊ

Uma parcela significativa de cidadãos vive à margem da sociedade, são invisíveis aos olhos e às preocupações sociais e políticas. Parcela esta que fica com as sobras ou com o nada. Não há projeto político que, de fato, ampare e dê voz a estes anônimos. Vez ou outra, esbarramos com um ou outro, mudamos de calçada e desviamos a vista desses invisíveis que nos constroem até mesmo com um só olhar.

Ribeirão Preto não difere do Brasil. Também aqui e, em qualquer outro lugar de nosso país, basta olhar ao nosso redor para encontramos com esses cidadãos esquecidos e, muitas vezes, não bem quistos no meio social.

Uma parcela desses esquecidos é constituída de idosos, os quais são deixados por suas famílias em lares públicos ou privados. Em nossa cidade há diversos abrigos para idosos, que podem diferir quanto ao público-alvo e seu poder aquisitivo. Em visitas a algumas dessas instituições é fácil constatar o abandono de muitos deles pela família, quando ainda têm, porque muitos deles sequer mantêm contato com quaisquer parentes.

Além do abandono familiar, esses idosos padecem do mal de Alzheimer, o que dificulta a presteza da família e das instituições no cuidado com esses

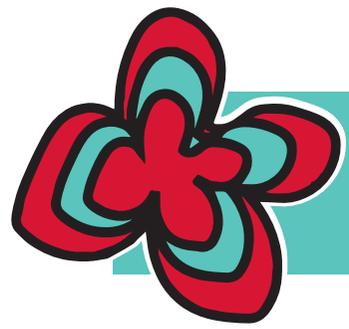
vovôs e vovós. A doença é silenciosa e aos poucos invade a vida e a memória, levando as lembranças mais queridas. Ademais das doces lembranças dos entes queridos e de si mesmos, o Alzheimer coopera para a solidão e para a tomada da decisão da família de internar o idoso e, em geral, o abandono dos internos ocorre aos poucos nos lares de nossa cidade.

Vídeo:

Um simples passeio pelas ruas é suficiente para depararmos com muitos moradores de rua, desabrigados e viciados em substâncias químicas que definham a cada tragada ou gole. Alguns conseguem sobreviver mesmo diante de tantos percalços. Um desses moradores de rua é Giovanna, nome dado por ela a si mesma.

Giovanna, de olhos tristes e roupas surradas, é artesã e usa latas de refrigerantes para confeccionar cinzeiros, portas-trecos e uma gama de utensílios decorativos. Segundo Giovanna, é uma vida de sacrifício e de sobrevivência sem infringir qualquer lei. Para a moradora de rua, é preciso muito esforço para viver nesse mundo marginalizado e solitário. Ela contou que não mantém contato com a família que moram não muito distante de onde ela fica, no entanto, fazem questão de manterem-se distantes dela e de seu mundo.

Giovanna relata que sofre com o menosprezo das pessoas em relação à sua condição de moradora de rua, sendo evitada, constrangida pelo olhar desconfiado e de “nojo” de muitos. Contou que não tem tranquilidade durante o sono. Dormir com sossego é privilégio para aqueles que têm uma casa, o que não é o seu caso. A moradora de rua já teve o colchão incendiado e se salvou por pouco.



## ESCOLA ESTADUAL SEBASTIÃO FERNANDES PALMA

### *Numa noite de sábado*

Eu estava numa noite de sábado, bebendo meu vinho, quando ouço passos pelo quintal de casa. Continuei tranquilo, não tenho medo. Ao passar cinco minutos, entra um cara armado, falando para eu não gritar, pois bem, continuei bebendo meu vinho sossegadamente e o indaguei se não queria sentar-se comigo e me acompanhar. Ele fez uma cara estranha e riu, respondendo que não era bobo de esperar a polícia chegar e que não tinha medo, já havia sido preso cinco vezes.

Após uns dez minutos, a minha casa já estava revirada, e ele vindo perguntou se a polícia já estava chegando. Eu olhei rindo para ele e chamei-o para me acompanhar naquela noite de sábado. Furioso pela minha reação, inesperadamente, deixou o assalto ainda por terminar e sentou-se ao meu lado, em uma mão segurando a taça e na outra apontando a arma em minha direção.

Por fim, conversamos a noite toda, ele me contou toda sua história e sobre a vida na prisão. Hoje completa três anos do acontecido, após aquela noite ele devolveu minhas coisas e parou de roubar, resolveu ajeitar a vida, virou professor e tem sua família.

Engraçado que, em uma noite de conversa consegui reabilitar uma pessoa que já havia sido presa há tanto tempo, mas o sistema prisional que tem como finalidade fazer isso, não consegue nem com muitos anos.

*Júlia Borges - Aluna do 1º ano A*

### *Onde há silêncio barulho terá*

Em um bairro comum residiam Alice e Paulo, um casal que são aparentemente companheiros, mas por trás das paredes a violência quebra a máscara.

Ao ver a luz do sol o silêncio habitava o bairro, na escuridão a paz que deveria ser almejada é interrompida por gritos femininos vindos da casa de Alice. A comunidade ouvia e nada fazia, seu vizinho José, espreitou na janela, observava o transtorno de Paulo refletido em sua mulher, cessando sua curiosidade, continuou o que estava fazendo anteriormente, afinal aquilo não era problema dele, pensou tranquilizando sua consciência.

Certo dia, a situação se agravou, Paulo percebeu que seu vizinho observou toda sua agressão que não foi denunciada, devido ao medo do velho, mas era tarde demais. O silêncio da residência de José se transformou no eco de balas transtornadas. Ao lado da casa José, a mesma história se repetia. Ao ouvir barulhos, uma senhora deixa a louça na pia e corre apressada até a parede, onde tentava ouvir o que se passava do outro lado, logo em seguida, escuta um clamor assustado e outro tiro, a senhora corre imediatamente para pegar o celular, trêmula mal conseguia segurar o celular em suas mãos, mas com persistência consegue digitar as palavras necessárias para contar para a amiga o que acabara de ouvir, no decorrer da conversa, consegue se acalmar, as duas se despendem com muitos beijos e abraços virtuais, logo retorna a sua tarefa inacabada.

*Lorene Carniel - Aluna do 3º ano B*

## *Fim de semana corrupto*

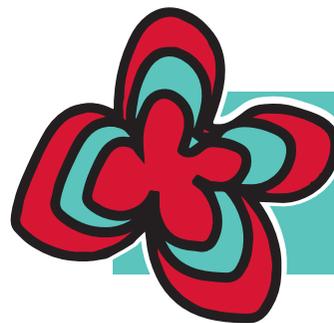
Fim de semana costumava sair com uns amigos, ficávamos jogando conversa fora pelas praças, algumas vezes escuras, outras nem tanto. Não éramos daqueles ciclos de adolescentes que enchem a cara e usavam drogas, procurávamos apenas um momento que nos afastasse da correria dos estudos e nos aproximasse da tranquilidade. Éramos dez, diferentes e parecidos ao mesmo tempo.

Eram 23h de uma sexta-feira, a praça estava escura e vazia, a sonoridade de nossas risadas reinava naquele local, naquele momento. Em questão de minutos, ouvimos o barulho do motor de um carro, longe e cada vez mais perto, até que nítido aos olhos. Era uma viatura, com quatro soldados em seu interior. Ao passo em que se aproximavam, comentávamos, e um de nossos amigos demonstrava olhar de medo. Fomos abordados, revistados, independente da situação mantivemos a tranquilidade, mesmo porque não tínhamos ao que temer.

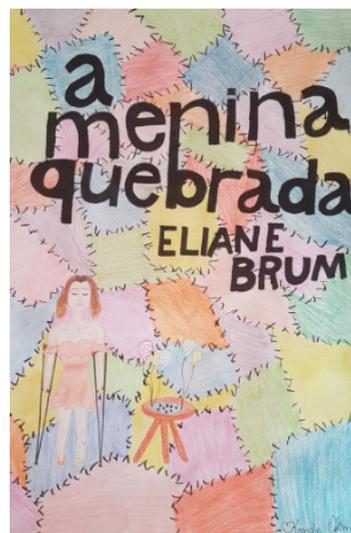
Até que, ao chegarem a meu amigo, o mesmo que explicitava no olhar de medo, a postura dos soldados transformou-se, como em um passe de mágica. Em segundos, encontrei-me assistindo meu amigo sendo agredido moralmente e fisicamente... Por quê?

O segundo soldado se vira e nós perguntamos o que nosso amigo carregava em seu bolso, mas ao ouvir, já sabia a resposta, meu amigo carregava a herança cultural do preconceito, da segregação junto ao seu cabelo crespo e aos seus lábios carnudos. Retruquei dizendo: será que a abordagem é a mesma para todos?

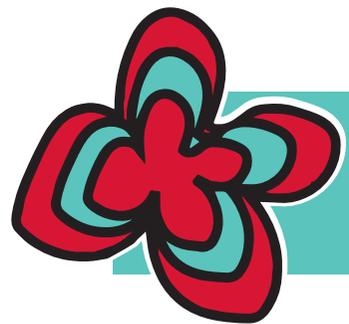
*Ana Júlia - Aluna do 3º ano B*



**ESCOLA ESTADUAL  
FRANCISCO DA CUNHA  
JUNQUEIRA**



*“A vida que  
ninguém vê.”*



### *A maré leva, às vezes traz*

Com 15 anos ela o conheceu numa simples fábrica de caixas, naquele seu primeiro emprego da pequena cidade onde moravam. Era inocente e o máximo que sabia sobre o amor e a vida a dois era estar apaixonada. Casou-se aos 16 por conta da família que, naquela época era muito rígida ao ponto de dizer que preferia uma filha com filhos e casada do que os filhos sem um pai. Teve seu primeiro filho aos dezessete e nunca soube realmente como era o mundo lá fora.

João Roberto tinha ido trabalhar e chagará apenas depois da meia-noite, e essa era a rotina de Angélica. Acordava, alimentava seu bebê, quase sempre arrumava as coisas de casa porque nem sempre sua mãe conseguia dar conta de tudo, ajudava no almoço e na janta, e seguia assim a vida.

Ao fim da tarde seu marido saía de casa para mais um dia de trabalho, ele era garçom de um restaurante famoso da cidade na época e às vezes, ficava sem voltar para casa. Ia pela sexta e voltava pela segunda, cassinos, bebidas, mulheres, e para ele seguia assim a vida.

Eles tiveram mais dois filhos e era sempre a mesma angústia no peito quando ele voltava na segunda de manhã, com busques rendido às mãos e dinheiro no bolso.

- Você não quer dinheiro? Eu te dou!

Ele dizia apalpando os bolsos da calça. Mas ela nunca quis, ela queria um pai e marido presente. Do que adiantava os buquês caros se a falta das

pétalas ainda era um problema para eles, e, além disso, o dinheiro apenas pagava as contas.

Certo dia, uma de suas amigas a chamou para passar um tempo na calçada de casa, conversar sobre a vida e passar o tempo, naquela mesma noite ela conheceu Miguel, um amigo das amigas, vizinho do lado, gente boa e simples, sorriso encantador daqueles de se admirar. Mas por incrível que pareça, Angélica nunca tinha o visto, como foi dito antes, ela nunca soube como era o mundo lá fora.

- O que achou dele? Pitt perguntava com toda a animação possível nas alturas.

- Eu não achei nada. - Mas todos haviam percebido que Angélica tinha reparado em Miguel. - João Roberto chegará em algumas horas e os meninos precisam de janta, terei de entrar para dentro! - Disse toda envergonhada ao entrar pelo portão de casa.

Depois daquela noite, Angélica saía toda noite para conversar na calçada com as amigas, e Miguel passava por lá quase toda noite também. Quando percebeu, estava apaixonada por Miguel, se encontravam as escondidas nas esquinas. Era tarde demais para se arrepender, seu coração acelerava cada vez mais forte, sua respiração mais intensa que o normal, e na verdade tudo ali era intenso demais para ser verdade. Ela recebia o amor que faltava, a atenção que quase nunca recebia, os buquês nas manhãs de segunda não importavam mais, não conseguia aceitar mais nenhuma migalha de amor. O segredo as vezes é a melhor forma de ser feliz, ele me mostrou o que é amor! Ela costumava dizer e se gabar pela paixão que a fazia se sentir tão viva.

João Roberto nunca parou de chegar tarde, então nunca reparou no que acontecia nos últimos dois anos. Mas em uma noite, Angélica havia recebido a notícia de Pitt, que a família de Miguel teria se mudado para outro bairro e Angélica se questionava todo dia o porquê dele ir embora. Ele nunca mais voltou, nem deu uma explicação.

Às vezes ele aparecia pela rua, um dia ou outro, mas ele parecia evitá-la, e foi assim por um bom tempo. Não demorou muito para João Roberto

perceber o que vinha acontecendo a tanto tempo, e quando se deu conta, ele pirou.

- Vou te levar embora daqui! Vamos morar em outra cidade e você vai esquecer de tudo que aconteceu aqui.

- Mas eu não quero ir! Eu tenho minha família, e tenho meus motivos, eu não vou.

- Mas você precisa, pelo nosso casamento.

- Você nunca reparou em nosso casamento.

E foi assim por muito tempo, seu casamento nunca foi o mesmo depois de toda aquela confusão em sua vida, mas a pressão que João Roberto colocava sobre ela era maior que qualquer pressão. Era abusiva. Ela achou melhor viver em paz do que em uma briga eterna por conta de um papel de divórcio. Seus filhos eram novos e a sua vida cansativa, ela se sentia culpada. Mas o que importava para ela era que seus filhos eram novos.

Tiveram mais uma filha, e às vezes Miguel ainda aparece nas esquinas, e eu sempre ouço sobre ele, Angélica até hoje guarda o amor dentro do peito, a euforia de vê-lo, ou quando porventura escutamos das vizinhas o quanto ele ainda fala dela. E costume dizer que João Roberto cometeu o erro que muitos de nós cometemos e às vezes não percebemos, quando vemos o barco partindo queremos embarcar a todo custo. Boba ou não, Angélica deixou a âncora para fora do barco, e ela permanece até hoje com a ajuda da maré.

*Ariane Cristiny Duarte - Aluna do 3º ano A do Ensino Médio*

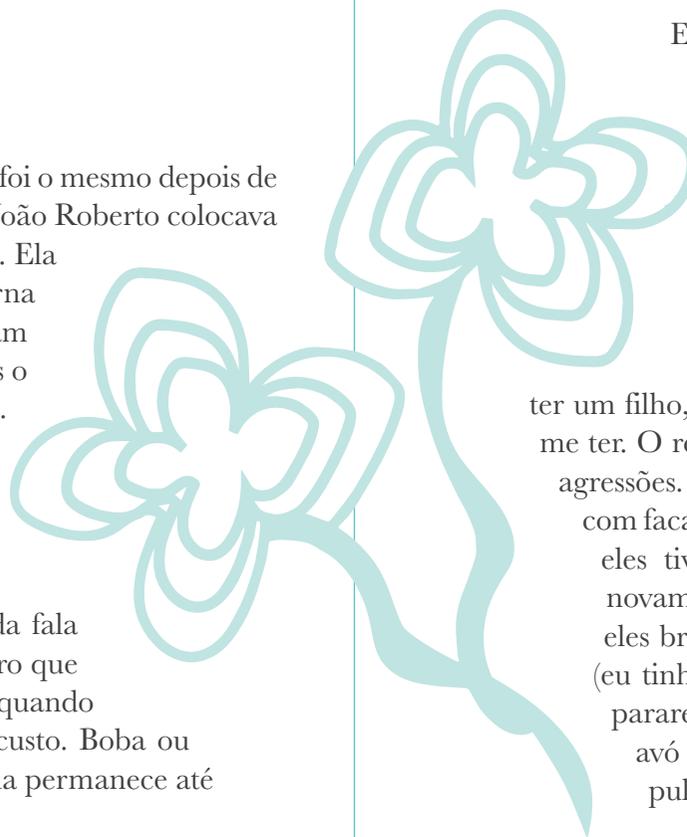
## *O poder destrutivo das palavras*

Sabe aquele ditado “as palavras machucam mais que uma tapa”, ele é real. Algum familiar próximo já te chamou de algo bastante ofensivo? É como se você estivesse levando realmente um tapa na cara.

Eu sempre senti a diferença em como meu pai trata a minha irmã e como ele me trata, desde pequena. Ele não me criou porque para mim demonstração de carinho não é presentes e sim estar presente em todos os momentos.

Meu pai e minha mãe me tiveram com 16 anos, muitas pessoas disseram para eles me abortarem porque eles eram muito novos para ter um filho, mas mesmo sendo menores de idade resolveram me ter. O relacionamento deles era cheio de traição, brigas e agressões. Eu já vi muitas vezes em que minha mãe dormiu com faca de baixo do travesseiro. Entre separações e voltas, eles tiveram minha irmã e voltaram a morar juntos novamente. Claro que as brigas continuaram, e quando eles brigavam de soco, eu ficava segurando minha irmã (eu tinha uns 5 anos e ela 1) enquanto gritava para eles pararem de quase se matar. Chorava tão alto que minha avó que morava do lado escutava e meu avô tinha que pular o muro para pegar eu e minha irmã.

Enfim se separaram de vez, resolveram seguir a vida somente como amigos (e sendo amigos eles são bem diferentes de quando estão juntos). Eu pensava que tudo ia acabar, que finalmente eu teria o final feliz como eu sempre ouvia nos contos de fadas, mas eu comecei a brigar com meu pai e ele comigo.



Quando isso acontece ele diz coisas que não deve, e isso me machuca muito. Às vezes eu penso em passar por psicólogo, porque quando eu “engulo” todas as coisas que eu realmente queria dizer, minha gastrite ataca. Mas depois de um tempo ele me pede desculpas em atos. E é claro que eu desculpo, porque eu o amo e vice-versa. Contudo, nem isso me faz esquecer o que ele me fez e já me falou.

*Amanda Gabrielle Batista dos Santos - Aluna do 9º ano A do Ensino Fundamental*

## *Cenas de terror...*

Tão pequena e já tinha em sua memória muitas cenas de terror. Todas às vezes que seu pai bebia, sua mãe apanhava. Eram socos e chutes, objetos também eram jogados, até uma arma foi apontada para a cabeça de sua mãe.

Com todas essas cenas, o que será que se passava na cabeça dessa criança?

Muitas noites ela ficou sem dormir, pensando naquelas brigas. Tinha dia que sobrava até para ela, apanhava junto com sua mãe e as duas ficavam juntas chorando.

No meio disso tudo, houve uma cena marcante, que até hoje é lembrada por ela. Certo dia, essa criança estava brincando na varanda de sua casa, quando chegaram alguns amigos de seu pai. Eles começaram a conversar. Conversa vai, conversa vem, do nada apareceu uma porta Cd, aquelas maletinhas que antigamente guardávamos os Cds. Só que naquela não havia Cd como de costume, havia uma arma. A criança viu e se assustou, saiu correndo de lá e correu contar para a mãe. Infelizmente, ela não acreditou, achou que a criança estava mentindo ou tinha visto demais.

O dia foi chegando ao seu fim, o pai já tinha bebido todas e como de costume foi agredir sua esposa. Sempre sobrava para a coitada que cozinhava

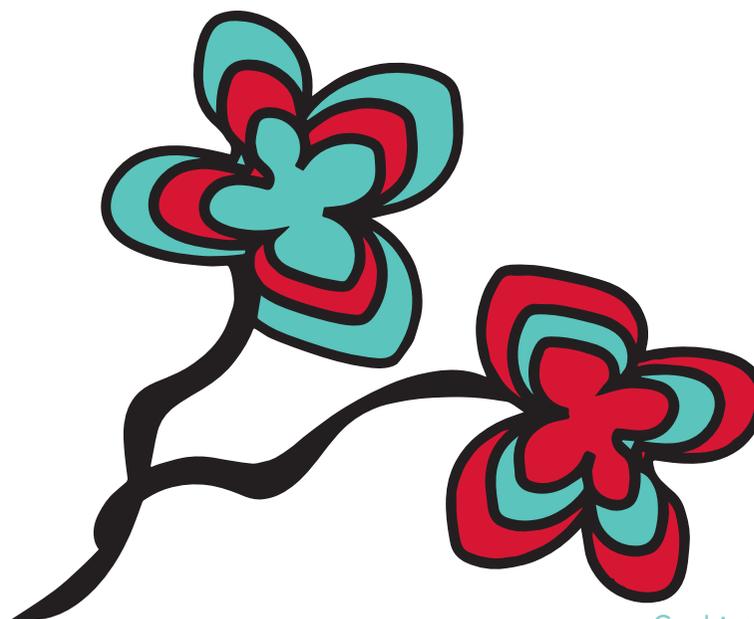
e lavava o dia inteiro e quando chegava à noite, era espancada. Ele chegou ofendendo-a com as palavras mais agressivas possíveis, partindo para cima dela. A criança chorava e pedia para o pai não bater em sua mãe. Seu pedido de nada adiantava, ele era um monstro e não escutava o anjinho que chorava. Ele foi até a sala, pegou a maletinha de Cds, pegou a arma e apontou para a sua mãe, gritando que ia matá-la. A mãe, desesperada, falou para a criança ir pedir ajuda ao seu avô. Só que ela não foi, ficou com medo de sair dali e não ver mais sua mãe.

Os colegas do seu pais escutaram os gritos e os choros, tiraram o pai do local e o levaram para outro lugar.

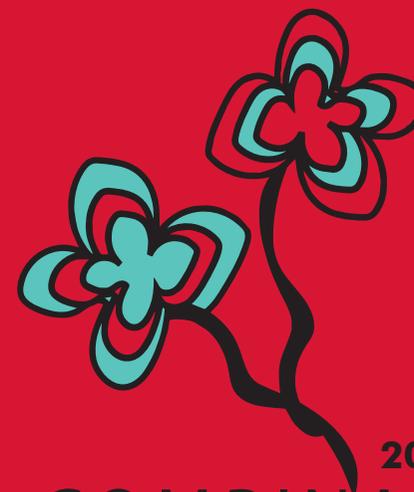
Essa foi a última vez que a sua mãe apanhou. Naquele dia sua mãe pegou todas as suas coisas e foi embora.

Hoje eles estão separados, já se passaram dez anos. A criança é uma moça de 17 anos. O pai está envelhecendo, em um de seus braços há pinos e placas. A sua mãe está linda, parecendo uma mocinha de 19 anos. Todos os finais de semana, vai ao cabelereiro ficar linda para ela mesma.

*Ellen Cristina Fernandes - Aluna do 3º ano A do Ensino Médio*







2018  
COMBINANDO  
**PALAVRAS**

Elisa Lucinda



## ESCOLA ESTADUAL CORDÉLIA RIBEIRO RAGOZO

### *Desigualdade e Crueldade*

Já vamo chegando pra fala  
Sem trava e sem enrola  
Como que pode uma pessoa em uma fila de hospital morrendo pra se salvar  
E a outra que tem dinheiro sem dificuldades para enfrentar

Filho de burguês com a escola boa pra estudar  
E o professor da pública, sem respeito pra trabalhar

Assim fica fácil  
E quando o boy passa a vida pra estudar  
Eu tenho que trabalhar pra minha família sustentar

#### REFRÃO 2X

Já vamo chegando pra fala  
Sem trava e sem enrola

Desigualdade crueldade

Vamo chegando pra fala  
Sem trava e sem enrola

O filho do patrão compra e vende o que quer, na hora que bem entender  
E eu, com 800 conto tenho que pagar minhas contas e sustentar o bebê

Como que pode  
Ele pode ter motorista a hora que quer  
E eu pra trabalhar, pego dois “busão” lotado e ainda fico de pé

Desigualdade crueldade  
Se você praticar  
Ainda vai pagar  
Quando sua hora chegar

*Alexandra de Oliveira e Souza, Luiz Vinícius Silva, Pedro Henrique da Silva,  
Samara Sena - Alunos do 9º ano B do Ensino Fundamental*



*“Sei que não dá para mudar o começo. Mas se a gente quiser, vai dar para mudar o final.”*



## ESCOLA ESTADUAL JARDIM FLAMBOYANS

Obra escolhida: Coletânea de poemas

### *Mentes vazias, corpos mortos*

Estamos em ano de eleição  
Quem vai ser o próximo  
A ter o poder na mão?  
Usando-nos como fantoche  
Na situação.  
Queremos respeito, água e pão.

Mas as promessas simplesmente  
Se vão depois da eleição  
Ética e moral estão  
Sendo ensinados em vão.

Todos são cheios de opinião  
Mas ninguém quer

Entrar em ação.  
Estamos vivendo a Neoescravidão  
São eles por eles  
E nós somos por quem?  
Opiniões vazias  
Argumentos com base  
No que passa na televisão  
Até quando vamos aceitar essa  
alienação?

*Rita Vitória Sena Guimarães Gularte  
Aluna do 2º ano A*

Queria eu  
Queria eu descer do ônibus tranquilamente  
Sem ter que pensar nos olhares alheios  
Que te olham com desdém  
Com malícia

Queria eu me esbaldar em alegria ao ver o olhar  
Apaixonado daquele que me deseja  
Além do meu corpo

Queria eu andar tranquilamente num lugar de paz  
Onde ser negro ou homossexual tanto faz  
Queria eu ter um canto para me afogar nas mágoas  
Que esse mundo traz  
Um lugar onde não perguntem o por quê  
E sim o que traga a harmonia

No mundo que é cheio de temores e o maior temor é o de sair de casa  
E nunca mais voltar

Independente de ser homem ou mulher,  
Negra, pobre, trans.... o que seja  
Seja forte o suficiente para voltar pra casa e dizer  
Que venceu mais uma luta

Pois queria eu não me preocupar com tanta  
Insegurança e justiça mal feita  
Num mundo onde se você é pobre não tem chance  
Onde o governo impõe travas  
Na escola  
Na sociedade  
Na vida  
E se você não se esforçar, acaba na cadeia.

*Ariete Gomes de Souza - Aluna do 3º ano A*

## Seus bostas!

Ser um ateu em uma sociedade cristã  
É ver Jesus não como divindade  
E sim como um filósofo que dizia  
“A picanha, o filé mignon da vida  
É a vida dedicada aos outros”  
Pensando assim  
Um professor público é imbatível  
Tudo é para e pelo aluno  
Assisto então um teatro  
O mais caro do Brasil  
Denominado atualmente de política  
Que usam Jesus em um país laico  
Pra base de seus discursos  
Eles certamente não conhecem quem citam  
Retiram então salários dos professores  
  
Ligo a TV  
Vejo o cristianismo inverso  
Apresentado como corrupção  
Mudo de canal  
Um político cristão fala de meritocracia  
Para complementar e alienar  
Um doutorzinho concorda  
Doutorzinho este que paga escola ao filho  
Usuário de heroína  
Talvez traficante de cocaína  
Com vaga paga em universidades

“Escola todos têm”  
Mas não são todos  
Que tem a escola vazia  
Vazia de estudantes  
De professores  
Um caos de ideias  
Isso não são todos que tem  
Apenas a maioria

O mesmo doutorzinho é um filantropo  
Dá à educação  
Muito aplaudido pelo político  
Mas, educação não é direito?  
Como dou algo que é direito seu?  
Se é dever, se é direito  
Não se pode dar ou doar

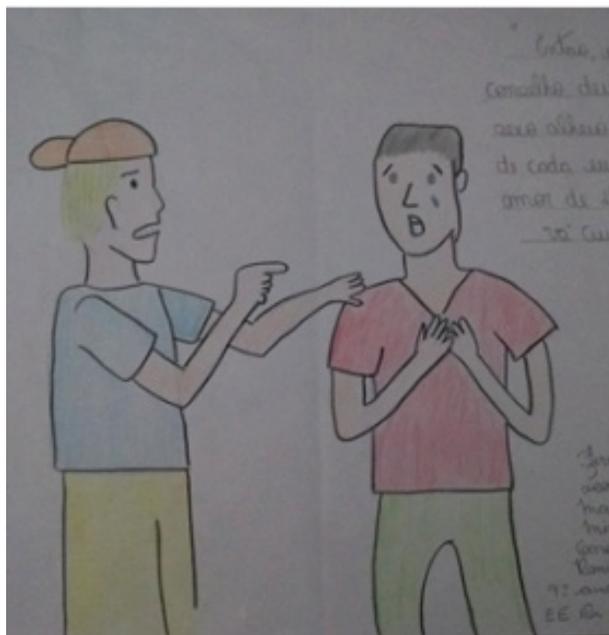
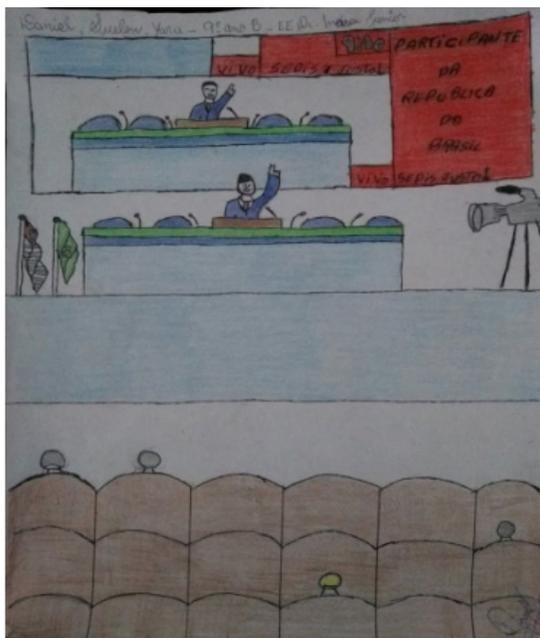
E assim finalizo,  
A rodos vocês que  
Distorcem o que é direito  
Matam Deus  
Dia após dia falam de meritocracia  
Com todo meu carinho finalizo  
“Seus bostas!”

João Bernardo Ferreira Neto - Aluno do 3º ano A





ESCOLA ESTADUAL DR. MEIRA  
JUNIOR



*“Remeta-me os dedos em vez de cartas de amor.”*

*Reescrita: Poemeto de amor ao próximo.  
(Elisa Lucinda)*

Me deixe quieta!

Deixe o meu, o dos outros em paz. Que foi amigo? É da sua conta?

Por que minha roupa incomoda?

O que te diz respeito minha raça?

O que você tem a ver com meus costumes?

Por que julgas de onde eu vim?

Ou se gosto do mesmo sexo?

Só porque não sou como você deseja?

Não sei porque lhe entristece a liberdade de cada um à sua volta.

Não deverias se preocupar com as pessoas armadas? Então porque se preocupa com minha escolha sexual que é amada?

Por que incomoda minhas escolhas de viver o amor de verdade, como o de todos.

Por que sermos todos iguais?

Cada um sabe o que faz com seus gostos, desejos, suas escolhas.

Cada um sabe o que faz,

Me deixe em paz.

Plante o amor.

Essa guerra não tem nome, mas fere tantas pessoas,

Estes inteligentes animais, é um terror...ninguém quer mais.

Você se conhece?

E continua o segredo, então escute meu conselho:

Deixe que o desejo e a escolha alheia seja assunto de cada um e vá cuidar da sua vida!

*Millena Ap. Porto Silveira - Aluna do 9º ano B*



*Meu Brasil, minha terra,  
meu pedaço de moradia.*

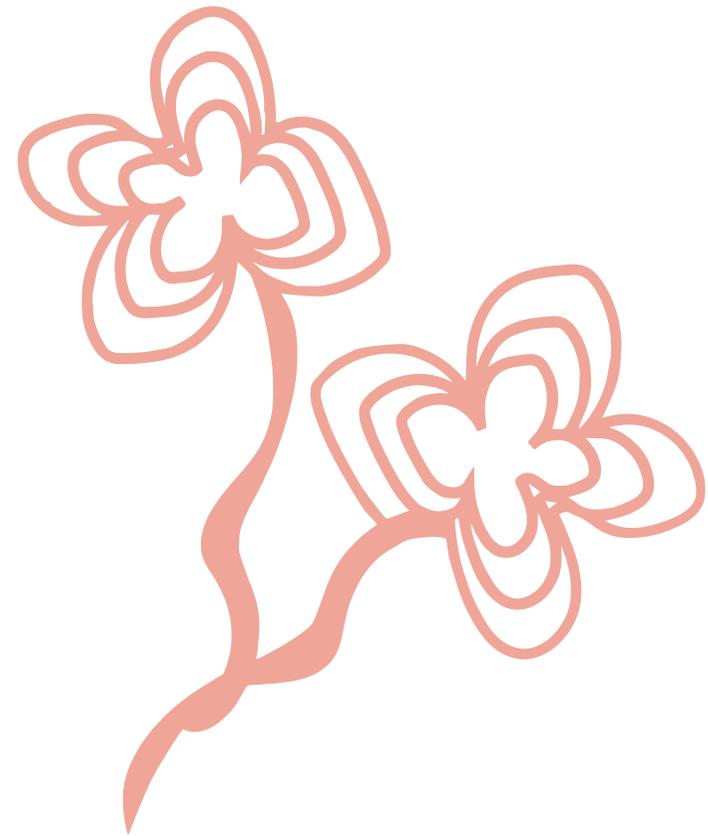
Cabe a mim julgar alguém?  
Justo eu, uma pecadora?  
Uma mera mortal, rodeada de pessoas imponentes!  
Vivo em um País que se impõe em uma escada legislativa.

Por que temos que ter Brasil e corrupção na mesma frase?  
Por que depois de várias descobertas e evoluções ainda existem sofrimentos?  
Cadê o dinheiro do povo?  
Onde está a conscientização de tudo e de todos?

Tantas perguntas sem respostas!!  
Muitas dúvidas sem esclarecimentos!!  
Queremos respostas, queremos conclusões certas tomadas;

Eis os pontos baixos de meu País.  
Meu Brasil, nossa terra, meu pedaço de moradia.

*Sarah Leticia Bezerra de Lima  
Aluna do 9º ano A*



*Tirando a venda*

No primeiro olhar, tristeza, vergonha e solidão;  
Preso na negação de não entender tantos olhares, tanta negação.  
Era só mais uma menina...

O tempo foi passando e os olhares mudando;  
A menina que era só mais uma, foi se transformando e ganhando aceitação;  
E até admiração.

Ao olhar mais crítico, a venda caiu ao chão;  
E aquela que era só mais uma menina, descobriu a auto aceitação.

*Laura Silva dos Santos da Mata  
Aluna do 9º ano B*



2018  
COMBINANDO  
**PALAVRAS**

Fernando Bonassi



## *Desesperança*

Inspirado no depoimento de Fernando Bonassi sobre a falta de esperança e a ilusão de felicidade que todos temos.

Por entre ruelas e becos  
Prédios e casas,  
Furtiva como uma sombra,  
Surge um bicho estranho  
Chamado Desesperança.

Quem será ela?  
Perguntam os desavisados.  
Quem ela irá levar?  
Questionam os mais cientes.

Com seu corpo alto e retorcido,  
É dito que ela arrasta a todos para as trevas,  
Um lugar cheio de infelicidade e falta de  
esperança.

Mas será que é tão ruim assim?  
Será que é ela a causadora de todos os males?  
Muitos diriam que sim, horas!  
Quando que a Desesperança é boazinha?  
Pois eu digo que não!

Não é por culpa deste ser  
Miserável e retorcido que somos infelizes,  
Desesperançosos.  
Reduzidos.  
É por nossa culpa!

Nossa única e irreversível culpa!

Nós, que ficamos ocupados vendo televisão,  
Nós, que só reclamávamos de tudo,  
Nós, que nos contentamos com menos,  
Nós, que não lutamos contra a nossa condição,  
Nós, que insistimos em permanecer no padrão.

Fizemos isso a nós mesmos.  
E agora pagamos o preço.  
Somos os verdadeiros culpados  
Por nossa irreduzível desesperança.

*Giovanna Bastos Souza*

## *Fernando, Fernando, Fernando Bonassi*

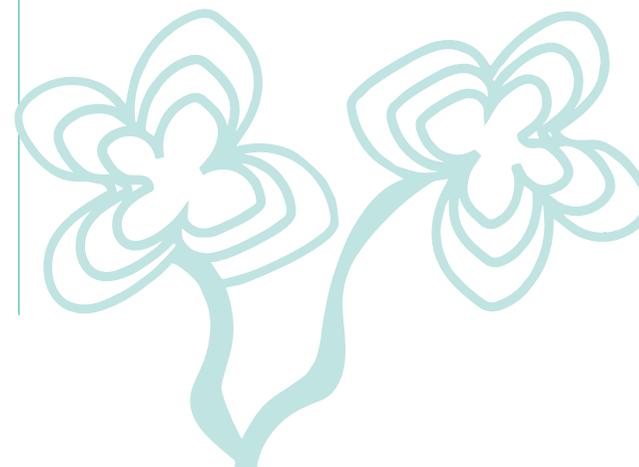
Em 1962, esse grande e talentoso brasileiro nasce  
No bairro da Mooça ele cresceu  
E como uma criança feliz ele viveu.

É um romancista, contista, dramaturgo, cineasta e  
roteirista

Que aos olhos de quem sabe apreciar, reconhece o  
Artista. Suas obras são diversas e algumas delas, um  
pouco perversas  
Ele as escreve com amor, carinho e dedicação  
Por isso, na sua área, ele é tão bom.

Com suas obras ele veio nos encantar  
Mostrar a realidade nua e crua, que muitos preferem  
não ver.  
Sair do senso comum, do “felizes para sempre”  
Mas convocar a cada um de nós, para cairmos na  
realidade  
E podermos transformá-la.

*Guilherme Aparecido dos Reis*



## Poema: Fernando Bonassi

Em 1962, nasceu Fernando Bonassi.  
Mais um escritor da literatura brasileira;  
É conhecido por vários desenhos em sua infância  
E vários livros em sua carreira.

Várias obras ele veio nos passar  
E diversas delas eu irei lembrar  
Já foi metalúrgico e passou por situações apuradas  
Seria possível ter uma piscina no fundo de casa?

Como muitos é também conhecido  
Possui naípe de artista, pique de escritor  
A cada livro surge um novo tema  
A cada verso, um novo poema.

*Joário Gabriel dos Santos*

*“Com quantos livros se faz uma pessoa?”*



ESCOLA ESTADUAL  
CID DE OLIVEIRA LEITE

Intro: G D Am C

G D  
Carcereiros da luxúria

Am C  
Pecado capital

G D  
Uma casa, uma piscina

Am C  
No fundo do quintal 2X

G D  
Não conheci os políticos

Am C  
Mas conheci a mentira

G D  
Busquei uma vida boa

Am C  
Me fizeram acreditar

G D  
Afundados no sistema

Am C  
Não querendo levantar

G D  
Criados como tubarões

Am C  
Querendo se afogar

G D  
Carcereiros da luxúria

Am C  
Pecado capital

G D  
Uma casa, uma piscina

Am C  
No fundo do quintal 2X

G D Am C  
Desconfortável deveria ser para todos

G D  
Mas no fundo não é bem assim

Am C  
O direito é para todos e não só para mim

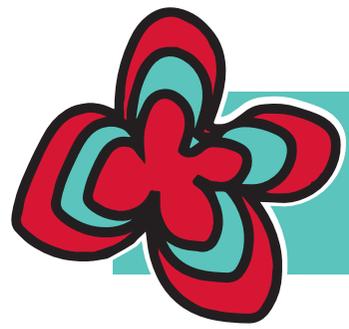
G D  
Carcereiros da luxúria

Am C  
Pecado capital

G D  
Uma casa, uma piscina

Am C  
No fundo do quintal 2X

Final: G D Am C



## *Despreparo e desumanidade*

(Inspirado no filme “Carandiru”)

Só quem pode contar o que aconteceu é Deus, os policiais e os presos. Drauzio só ouviu os presos. E eu ouvi o depoimento do Coronel Ubiratan dizendo que não houve abusos na entrada da polícia militar na Casa de Detenção. Mas enterrei o corpo do meu pai que foi executado com sete tiros espalhados pelo abdômen e cabeça. Assisti ao sangue do meu pai e de outros tantos detentos escorrendo nas escadarias daquele lugar... Maldito lugar!

Uma música diz que Lúcifer veio do inferno e no Carandiru se tornou só mais um. Eu não duvido. Mas talvez, não fosse o abandono do Estado com a população, não seria preciso entrar no mundo do crime para se ter uma boa condição de vida.

Cento e um detentos mortos, nenhum policial. E eu, pobre adolescente, cresci acreditando que meu pai foi o maior culpado da situação. Cachorros lambendo os cadáveres, a grande massa comemorando um genocídio e, ainda assim, eu acreditei que a culpa fosse do meu pai.

Lembro-me dele. Fez o que pôde para não me deixar sem presente no dia 12 de outubro, para termos mais que arroz e feijão no dia a dia... Vivíamos miseravelmente. Até que ele foi chamado para participar de um roubo em uma joalheria. Foi preso. Artigo um, cinco, sete. Dez anos sem liberdade. Mas com essas condições, meu pai não foi o único a entrar na criminalidade.

O crime te chama quando você é invisível para a sociedade! Sem emprego, sem estudo, filho pra criar, nenhum amparo, só o preconceito: favelado, preto, pobre e estatística. Só mais um para o Estado, só mais um no Carandiru.

O sistema carcerário brasileiro nunca funcionou! O cara entra lá por ter furtado e fumado e sai fazendo parte de uma quadrilha que ali mesmo foi formada. O Brasil não reintegra um infrator, ele acaba ainda mais com a vida dele.

Sistema que é um engano e que fez meu pai morrer sem parecer ser um ser humano, em São Paulo, no dia dois de outubro de mil novecentos e noventa e dois, despreparo e desumanidade.

*Stefani de Moraes Justa*

## *Normalmente caímos na normalidade*

(Releitura da crônica: “Breve estudo sobre a normalidade”)

Normalmente o despertador toca às cinco da manhã. O som é irritante e, a rotina estressante. Só mais cinco minutos... e o grito da minha mãe me desperta. Estou atrasado!

Normalmente o uniforme é branco, sem graça. Normalmente procuro por uma maneira de dormir durante o caminho. Normalmente quero apenas voltar para casa e dormir.

Normalmente o som do sino marca o início de mais um dia na escola. Ah, professor! Eu estou tão cansado desta rotina. Ah, porquê? Eu nem mesmo tenho sonhos ainda. Estão nos dizendo para decidir o que fazer para o resto da nossa vida. Temos apenas 17 anos!

Normalmente nossos sonhos parecem distantes e caímos na rotina. Normalmente são sonhos simples. Normalmente eles são guardados no fundo da gaveta por serem diferentes.

Normalmente o diferente é visto como errado. Mas o diferente nos define e nos faz únicos. Normalmente somos diferentes. Normalmente não percebemos.

Normalmente caímos na normalidade.

*Livia Aléxia de Oliveira*

## *Lembranças*

(Inspirado na biografia de Fernando Bonassi)

Eu nunca serei capaz de eliminar permanentemente as tristezas que habitam meu corpo. Às vezes eu tenho uma vontade louca de arrancar meu cérebro e lavá-lo com muita água e sabão, mas eu sei que isso de nada adiantaria. Alguns ferimentos são muito profundos para serem curados.

Eu tenho 56 anos, nasci em São Paulo e nesse exato momento estou deitado em uma cama que não é minha, em um quarto que não é meu. Meus olhos percorrem o teto decorado do quarto de hotel, perdidos nas delicadas decorações de gesso. Já é noite, mas sono é algo que não tenho.

Uma agenda cheia me espera amanhã de manhã: dar algumas entrevistas, ir ao Theatro Pedro II, almoçar com alguns patrocinadores, dar mais entrevistas, e por aí vai. Porém, por mais que eu devesse dormir cedo para estar bem-disposto amanhã, as lembranças de minha adolescência prendiam minha atenção como um doce prende a atenção de uma criança.

Meus pais eram operários metalúrgicos e sofriam diariamente com rotinas exaustivas, sofrendo opressões graças à hierarquia na metalúrgica e da sociedade, é claro. Já meus tios eram ferramenteiros. Eles tinham um Itamaraty na garagem e um sobrado pra morar. Vai por mim, isso pode não parecer muito, mas era melhor do que não ter nem uma migalha de pão para comer. Meus tios eram os caras que faziam os estampos das peças que iam ser

produzidas em série. Eles eram como príncipes da linha de produção, mas foram substituídos pelas máquinas, tudo por que os malditos computadores começaram a desenhar e fazer estampos melhores do que os deles!

Lembro-me do primeiro livro que lancei, em 1987. Era um livro de poemas chamado Fibra Ótica. Já em 1988, lancei um livro de contos, O Amor em Chamas, e escrevi minha primeira peça de teatro. Espera, acho que isso foi em 1989, infelizmente minha memória não é tão boa como antes.

Só lancei meu primeiro romance em 1991, intitulado Um Céu de Estrelas. Felizmente, o livro foi um sucesso, sendo adaptado para o cinema e para o teatro. Depois disso escrevi livros para o público infantojuvenil e trabalhei como cineasta e roteirista. Ah! É tão bom fazer roteiros para o cinema. Orgulho-me sempre de falar que eu e Victor Navas elaboramos o roteiro dos filmes Estação Carandiru e Cazuzo: O Tempo Não Para.

Suspirei fundo e me ajeitei na cama. Alisei o lençol branco e não pude evitar suspirar novamente. Era uma injustiça tantas pessoas terem tão pouco e poucas pessoas terem tanto. Era essa injustiça, essa infelicidade da população, que eu tentava retratar em meus livros e roteiros. A vida da maioria era difícil e por mais que trabalhassem para pagar as dívidas, as danadas nunca acabavam. Era como cavar um buraco para colocar uma piscina no quintal de sua casa: você tira a terra para liberar o caminho, mas apenas encontra mais terra embaixo.

Olhei para o lado e vi que o ponteiro menor do relógio estava exatamente sobre o número 12. Já era tarde e eu precisava dormir, mas como eu me livraria das espirais que meus pensamentos faziam?

Levantei da cama e fui até uma escrivaninha que havia no canto do quarto. Puxei a cadeira e me sentei. Como minhas biografias diziam, eu era romancista, contista, dramaturgo, roteirista, cineasta e colunista, então por que não exercer minhas inúmeras profissões agora? Peguei um caderno e apontei meu lápis. Estava na hora de escrever.

*Lorena de Oliveira Agati*



## ESCOLA ESTADUAL SILVIO DE ALMEIDA

### *O Grande Sonho*

Dados pessoais:

Nome: Mariana Santos

Nacionalidade: brasileira

Estado Civil: solteira

Profissão: estudante e vendedora autônoma

Endereço: Jardim São Luiz, Região Sul-SP

Grau de instrução: cursando o 3º ano do ensino médio

Idade: 17 anos

Nome: Beyoncé Giselle Knowles – Carter

Nacionalidade: norte americana

Estado Civil: casada

Profissão: cantora, compositora e atriz

Endereço: Mansão em Los Angeles

Grau de instrução: Completo

Idade: 36 anos

### *História de Vida*

Mariana Santos, estudante de 17 anos, de uma humilde família, moradora de uma periferia localizada na Região Sul de São Paulo. Sonhadora, trabalhadora dedicada, estudiosa e, que tem como maior sonho, ser uma

grande cantora. Sua maior inspiração é a artista pop internacional Beyoncé e, deseja conhecê-la algum dia.

Beyoncé, atualmente uma das mulheres mais influentes no mundo da música, começou a sua carreira com apenas oito anos de idade.

Mariana já enfrentou grandes obstáculos em sua vida, um deles foi um relacionamento abusivo com o seu primeiro namorado. Sofria grandes agressões físicas e era impedida de realizar grandes desejos por conta dele. Esse relacionamento foi fruto de um filho para Mariana, quando ela tinha apenas 16 anos de idade, mas, infelizmente por conta de sérios problemas de saúde, o bebê não chegou a nascer. Durante todo esse tempo nesse relacionamento abusivo, Mariana tinha como inspiração uma música de sua ídola, a canção “Survivor”, que relata que “um certo alguém achava que ela só teria uma vida com seu parceiro”, com isso a música trouxe trechos que “ajudam” várias pessoas a superarem isso.

Beyoncé é casada com um grande rapper famoso, conhecido por Jay-Z, que juntos têm três filhos, sendo dois gêmeos nascidos no ano passado (2017) e, a primogênita nascida no ano de 2012.

Ambas as notícias da gravidez da estrela tiveram uma enorme repercussão nas redes sociais e, nas notícias mundiais. A foto anunciando a gravidez dos gêmeos totalizou aproximadamente 11,3 milhões de curtidas no Instagram, se tornando a segunda foto mais curtida da rede social.

A estrela também não teve um bom relacionamento em seu casamento com o rapper, Beyoncé foi traída mais de uma vez, a mesma contou isso em algumas músicas e, Jay-Z já admitiu em algumas entrevistas. Mas, Beyoncé perdoou as traições do marido e estão juntos até hoje, morando em uma mansão em Los Angeles avaliada em aproximadamente 135 milhões de dólares.

Mariana não conseguiu ir ao show da estrela quando ela veio pela primeira vez ao Brasil. Com isso ela decidiu que na próxima oportunidade ela conseguiria e não desistiria.

A jovem juntou dinheiro vendendo doces feitos pela mesma, na comunidade em que ela vive.

Com a ajuda de sua mãe, a garota conseguiu um bom dinheiro, conseguindo assim comprar um ingresso para o show da estrela que aconteceria no festival Rock in Rio.

Beyoncé conheceu a jovem Mariana e, a incentivou a nunca desistir dos seus sonhos.

Desde então, Mariana se sentiu a pessoa mais feliz do mundo, a garota decidiu que iria focar em seu sonho de ser uma grande cantora, custe o que custar, ela não iria desistir de tornar seu sonho em realidade.

*Camila Amarin Domingos e Isabelle Lawine Da Paz Silva - Alunas do 2º ano A*

## *Procura-se saída*

Obra: Entre Vida e Morte. Troço Nojento

Todo dia a mesma rotina. No metrô ao amanhecer, chegando em casa ao anoitecer. Trabalho corrido, vida exaustiva. Cansada estou e não vejo um porto seguro para me apoiar, sigo deprimida. Casa bagunçada, comida crua, marido folgado e bêbado no sofá, como sempre. Peço socorro em silêncio.

Janta pronta, e lá vem o porco ao sentir o cheiro. Farta, estressada e cansada, estou transbordando, a qualquer momento vaza... Ah, pronto, de novo transformando minha comida nesse troço nojento com essas cinzas de cigarro.

[...]

Ok, chega. Além de sustentá-lo e sofrer em silêncio tenho que aturar grosseria de bêbado vagabundo. Achei minha única saída: pegar minhas botas e batê-las antes da hora.

*Eduardo William de Andrade - Aluno do 3º ano A*

## *Normalmente acontece*

Obra: A Boca do Mundo. Breve estudo sobre normalidade

Normalmente é amor.  
Normalmente é carinho, mas a única coisa  
Que eu sei é que  
Normalmente é alegria.  
Normalmente os filhos brigam  
Normalmente as mães batalham  
Normalmente todos sofrem  
Normalmente as crianças são felizes.  
Normalmente é desfeito  
Normalmente tudo tem uma explicação.  
Normalmente o dia amanhece lindo.  
Normalmente frequentamos a escola, todos os dias,  
Normalmente é a única coisa que nos mantêm vivos,  
Pois, normalmente, você nunca está sozinho.  
Normalmente a dor é curada,  
Normalmente refresca a alma.  
Normalmente a gente se encontra  
Normalmente tornam-se lembranças  
Normalmente temos que encarar nossos problemas  
Normalmente vamos viver uma nova história  
Normalmente vamos ter que batalhar.  
Normalmente vamos fazer muitos esforços,  
Normalmente, mas não podemos desistir.  
Normalmente teremos outros problemas  
Normalmente vamos conquistando aos poucos  
Normalmente vamos conseguir  
Normalmente Deus vai nos guiar e  
Normalmente seremos felizes para sempre  
Até um dia que normalmente acontece...

*Ludmila Cristina Giusti da Silva - Aluno do 1º ano A*

MUNDI  
REAL BOB ESTAR  
SER LADO

DENTRO A C  
VERDAD DE

VERDAD DE

REAL MIU SONN